

Manuel Alberto Carvalho Vicente

É TERRA MUI FREMOSA E VIÇOSA



**É TERRA MUI
FREMOsa E VIÇOSA**

FICHA TÉCNICA

Título: *É terra mui fremosa e viçosa*

Autor: Manuel Alberto Carvalho Vicente

Investigador integrado do CHAM (Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa/Universidade dos Açores

Investigador associado do CLEPUL (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias) – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Transcrição paleográfica: Pedro Pinto

Coleção: FONTES E TEMAS INSULARES, 8

Composição & Paginação: Luís da Cunha Pinheiro

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Instituto Europeu Ciências da Cultura – Padre Manuel Antunes

Cátedra Convidada FCT / Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares

Atlânticos e a Globalização

Lisboa, abril de 2015

ISBN – 978-989-8814-09-8

Esta publicação foi financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do Projecto «UID/ELT/UI0077/2013»

Manuel Alberto Carvalho Vicente

**É TERRA MUI
FREMOsa E VIÇOSA**

Lisboa, 2015

Índice

Agradecimentos	13
Introdução	15
Regras adotadas para a transcrição	17
Documentos transcritos	19
1. Carta sobre a primeira viagem de Afonso de Albuquerque na qual navega ao largo da costa da Ilha de São Lourenço (extrato). 16.09.1504. Bibliothèque Riccardiana de Florença, <i>Códice Vaglianti</i> , fól. 80-81	21
2. Regimento de D. Manuel I a Cid Barbudo (extrato). (Lisboa, 11.1505). Torre do Tombo, <i>Leis</i> , Maço 1, Doc. 24, fól. 7v. ^o . . .	23
3. Carta de Giacomo Buonguglielmo a Giovanni Buonguglielmo sobre a viagem que fizera à Índia na armada de Tristão da Cunha, contendo informações sobre a Ilha de São Lourenço (extrato). Ilha de Moçambique, 18.01.1506. <i>Archivio di Stato di Mantova, Archivio Gonzaga, Ms., E. XV. 3, b.n. 631, Affari di Francia</i> . . .	24
4. Sumário de todas as cartas que vieram da Índia para o Rei de Portugal nas naus capitaneadas por António de Saldanha e Cid Barbudo (extrato). Quiloa, 30.08.1506. Torre do Tombo, <i>Gavetas</i> , XX, Maço 4, Doc. 15, fól. 9-9v. ^o	27

5. Mandado de Manuel Fernandes, capitão nas partes de Sofala, para os contadores régios levarem em conta ao feitor Sancho Tavares as mercadorias que entregou a Afonso Lopes da Costa para as levar a Tristão da Cunha capitão mor, que ia descobrir a terra de São Lourenço. Sofala, 22.11.1506. Torre do Tombo, <i>Corpo Cronológico</i> , Parte II, Maço 11, Doc. 185	29
6. Carta de Jacobo Buonguglielmi a Giovanni Buonguglielmi sobre a viagem de Tristão de Cunha à Índia (extrato). 10.01.1507. Bibliothèque Riccardiana de Florença, <i>Códice Riccardiano</i> , fól. 124-124v. ^o	32
7. Carta de Afonso de Albuquerque a D. Manuel I sobre a descoberta da Ilha de São Lourenço (extrato). S.l., 06.02.1507. Torre do Tombo, <i>Corpo Cronológico</i> , Parte I, Maço 6, Doc. 8	35
8. Sumário de uma carta de Afonso de Albuquerque ao Rei de Portugal, feito pelo Secretário António Carneiro (extrato). 14.02.1507. Torre do Tombo, <i>Gavetas</i> , XX, Maço 4, Doc. 15, fól. 18v. ^o	40
9. Sumário de uma carta de João da Nóvoa ao Rei de Portugal, feito pelo Secretário António Carneiro (extrato). 05.03.1507. Torre do Tombo, <i>Gavetas</i> , XX, Maço 4, Doc. 15, fól. 16	41
10. Sumário de uma carta de Afonso de Albuquerque ao Rei de Portugal, feito pelo Secretário António Carneiro (extrato). 10.11.1507. Torre do Tombo, <i>Gavetas</i> , XX, Maço 4, Doc. 15, fól. 17v. ^o	42
11. Regimento de D. Manuel I dado a Diogo Lopes de Sequeira para ir descobrir a parte oeste da ilha de S. Lourenço (extrato). Almeirim, 13.02.1508. Torre do Tombo, <i>Corpo Cronológico</i> , Parte I, Maço 6, Doc. 82	43
12. Carta de D. Manuel I às vilas e cidades do Reino anunciando as novas da Índia, incluindo o potencial económico da Ilha de São Lourenço (extrato). Alcochete, 19.06.1508. Arquivo Distrital de Évora, <i>Fundo da Câmara de Évora</i> , Códice 74, fól. 116	52

13. Carta de D. Manuel I a D. Diogo de Sousa, arcebispo de Braga, comunicando-lhe as novas da Índia, incluindo o potencial económico da Ilha de São Lourenço (extrato). Alcochete, 19.06.1508. Biblioteca da Ajuda, 51-VII-6, fól. 4	54
14. Carta de Diogo Lopes de Sequeira a Jorge de Aguiar sobre a Ilha de São Lourenço. Ilha de São Lourenço, 19.08.1508. Torre do Tombo, <i>Cartas dos Vice-Reis da Índia</i> , n.º 57	56
15. Carta de Duarte de Lemos a El-Rei D. Manuel contando-lhe a sua viagem desde a ilha da Madeira, e a dos outros navios com que saiu de Portugal, pertencentes todos à armada de Jorge de Aguiar, da qual depois se separou, até chegar a Moçambique, e dando-lhe várias notícias desta terra, da construção da sua fortaleza, e das ilhas que descobriram (extrato). Ilha de Moçambique, 30.09.1508. Torre do Tombo, <i>Corpo Cronológico</i> , Parte I, Maço 7, Doc. 47, fól. 6v.º-11v.º	59
16. Livro de Duarte Barbosa (extrato). Ms. A: Biblioteca Nacional de Portugal, <i>Fundo Geral</i> , Cód. 11008	61
17. Livro de Duarte Barbosa (extrato). Ms. B: Torre do Tombo, <i>Manuscritos do Brasil</i> , 25, p. 5-10	63
18. Livro de pagamentos do Capitão-Mor Duarte de Lemos (extrato). Ormuz, 12.10.1509. Torre do Tombo, <i>Núcleo Antigo</i> , 703	72
19. Carta de Jorge de Vasconcelos a D. Manuel I sobre as possibilidades de negócio do gengibre na ilha de São Lourenço. Lisboa, 18.02.1510. Torre do Tombo, <i>Corpo Cronológico</i> , Parte I, Maço 8, Doc. 85	74
20. Carta de Lourenço Moreno a D. Manuel I (extrato). Cochim, 30.11.1513. Torre do Tombo, <i>Corpo Cronológico</i> , Parte I, Maço 13, Doc. 113	76
21. Carta de Álvaro Penteado a D. Manuel I sobre a evangelização da Ilha de São Lourenço. (1515-1518). Torre do Tombo, <i>Cartas dos Vice-Reis da Índia</i> , N.º 164	77

22. Livro da receita e despesa de Cristóvão Salema, feitor de Sofala. Extrato da entrada referente aos itens recebidos por Cristóvão Salema após a morte do feitor que lhe antecedeu, Diogo Dias (extrato). Sofala, 26.08.1516. Torre do Tombo, <i>Núcleo Antigo</i> , 806, fól. 5v.º	78
23. Relatório de Veneza contendo informações náuticas e ultramarinas provenientes de Lisboa (extrato). (Veneza, 1517). Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze, <i>Magl. XIII</i> , 80, fól. 131-140v.º, 165-166	79
24. Livro da receita e despesa de Cristóvão Salema, feitor de Sofala. Extrato da entrada referente aos itens despendidos em abril de 1517. Sofala, 04.1517. Torre do Tombo, <i>Núcleo Antigo</i> , 806, fól. 13v.º	81
25. Livro da receita e despesa de Cristóvão Salema, feitor de Sofala. Extrato da entrada referente aos itens despendidos em julho de 1517. Sofala, 07.1517. Torre do Tombo, <i>Núcleo Antigo</i> , 806, fól. 67	82
26. Descrição da costa oriental de África (extrato). (c. 1518). Bibliothèqne national de Paris, <i>Ancien Fond</i> , n.º 6116, fól. 238-240	84
27. Carta de Piero di Giovanni di Dino ao Bispo Antonio Pucci sobre a viagem que fizera para a Índia (extrato). Cochim, 01.01.1519. Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze, <i>Magl. VIII</i> , 1490, fól. 278-284v.º	86
28. Carta de Garcia de Sá a D. Manuel I sobre certas naus viajando de Java para a Ilha de São Lourenço (extrato). Malaca, 23.08.1520. Torre do Tombo, <i>Gavetas</i> , XV, Maço 10, Doc. 2 . . .	87
29. Carta de D. Manuel I pela qual concede a Sebastião de Sousa, fidalgo da Casa Real, a capitania da fortaleza a ser construída na Ilha de São Lourenço. Lisboa, 25.02.1521. Torre do Tombo, <i>Chancelaria de Dom Manuel I</i> , Liv. 35, fól. 91	88

30. Carta de Sebastião de Sousa a D. Manuel I sobre a sua viagem para a Ilha de São Lourenço. Moçambique, 17.09.1521. Torre do Tombo, *Corpo Cronológico*, Parte I, Maço 27, Doc. 54 91

Aos meus pais

AGRADECIMENTOS

Exprimimos o nosso profundo reconhecimento ao Professor José Eduardo Franco e ao Doutor Luís da Cunha Pinheiro pela ajuda preciosa que nos deram na publicação deste trabalho.

Queremos testemunhar a nossa gratidão ao Doutor Pedro Pinto que transcreveu os documentos e nos ajudou a localizá-los.

Que todas as pessoas nas quais encontrámos ajuda, conselhos e encorajamentos, aceitem a expressão de toda a nossa gratidão.

INTRODUÇÃO

Sabemos que a documentação que é editada costuma ser escolhida e estudada pelos autores que, colhendo a síntese histórica, se limitam a apresentar ao público o fruto do seu trabalho. Dentro deste critério poderá parecer heterodoxo esta publicação. O fim que nos propusemos, porém, é colocar à disposição do público um importante acervo documental e, eventualmente, interessar quem possa prosseguir o trabalho por nós iniciado.

Constatamos que a ignorância da vasta e importante documentação portuguesa tem dado ocasião a que o nosso passado histórico tenha sido pouco apreciado e consideramos que a riqueza documental existente nos nossos arquivos pouco valerá se continuar mergulhada no esquecimento.

Ao publicarmos a documentação referente à história das relações de Portugal com Madagáscar, desejamos prestar um serviço ao público que se interessa pelo Oceano Índico ocidental e pela costa oriental africana. Os documentos que apresentamos reflectem os motivos do agir dos Portugueses, as suas virtudes e defeitos, as suas acções e reacções perante o Oriente estranho e as suas tentativas para o compreender. Por meio destes documentos poderão os alunos, os professores e os investigadores nacionais e estrangeiros – sem saírem das suas terras – elaborar os estudos e as sínteses sobre a acção dos Portugueses em Madagáscar e no Oriente. Esperamos que a presente edição cumpra os objectivos acima enunciados.

REGRAS ADOTADAS PARA A TRANSCRIÇÃO

As regras adotadas para a transcrição dos documentos seguem de uma maneira geral aquelas que foram adotadas pelo *Álbum de Paleografia* de A. H. Oliveira Marques e João José Alves Dias¹:

1. Respeito absoluto pela ortografia e pontuação original do texto, mantendo exactamente maiúsculas e minúsculas, mas separando as palavras que estavam no original unidas ou reunindo as sílabas ou letras de uma mesma palavra que se encontrem nele separadas.
2. Divisão em parágrafos para permitir uma melhor inteligibilidade do texto.
3. Desenvolver as abreviaturas mas não assinalar esse desenvolvimento em itálico. Escolhemos o desenvolvimento que é igual à ortografia da palavra quando ela é escrita sem abreviatura, ou que mais se aproxima das formas existentes ou admitidas na época, para evitar os anacronismos.
4. A reconstituição das lacunas é apresentada entre [] respeitando as pronúncias das palavras e formas existentes na época.

¹ Cf. A. H. Oliveira Marques e J. J. Alves Dias, *Álbum de Paleografia*, Lisboa, Estampa, 1987.

5. [...] indica as passagens voluntariamente cortadas para abreviar.
6. Os pontos de suspensão sem aspas indicam a extensão das lacunas ou as palavras ilegíveis que não foram possíveis reconstituir.
7. [?] indica as dúvidas na transcrição.
8. [sic] indica os erros no original.
9. < > indica as palavras interlineares.
10. a) indica a assinatura do autor do texto.

DOCUMENTOS TRANSCRITOS

I

Carta sobre a primeira viagem de Afonso de Albuquerque na qual navega ao largo da costa da Ilha de São Lourenço (extrato)

16.09.1504

Bibliothèque Riccardiana de Florença, *Códice Vaglianti*, fól. 80-81

Publicação: C. M. Radulet et L. F. Thomaz, *Viagens portuguesas à Índia (1497-1513). Fontes italianas para a sua história: O Códice Riccardiano 1910 de Florença*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2002, p. 207-208

[...]

Dipoi tutto caricato, partimmo dall'India di Chananor alli 27 di gen-naio e pigliammo piloto moro per traversar cette isole / le qua' sono 12 mila isole, perché passando per lì accorciavamo el cammino alcun tanto. E passando in buonora entrammo nel golfo da Mecha ch'[è] tra-versa 900 leghe e sempre com buon vento 28 dì. E a capo di 28 dì facevansi e piloti colla costa di terra ferma di Mozombichue e parendo a tutti esser presso di detta terra di quivi, a duo dì avemmo vista di terra e fummo a ella e non fu nessuno conoscesse tal terra. Appressamoci bene e corremmo bem XV dì a lungo di detta terra, ed era molto alta al cielo, verde e bellissima mostra, el mare d'intorno pieno di canne di zucchero. Eravamo in luogo che non sapevamo per qual parte avessimo andare e niuno giammai navigò in mare incognito co' maggiore dispiacere. E lì stemmo circa di XX dì com gran tuoni e piove e molti mali tempi e lì stavamo // com grandíssima paura. Tuttavolta Iddio piatoso ci liberò di tanti pericoli e visibilmente ci porse suo grazia di un po' di buon vento E pertendo di lì avemmo vista di una nave di mori che

veniva per noi e come ci vidde mutò cammino e noi alsì veduto fuggiva, andammo a nostro cammino; e andando così noi, a 3 dì, sendo di già venuta la notte e noi, cioè la nave in che io andavo, eravamo bene avanti loro una lega o più dell'altre navi e noi seguendo e di già be' notte, noi com bellissimo tempo e bono vento in poppa, dalla gabbia viddono venire per prua della nave una acqua bianca e commincionno a dire "terra, terra"; subito tutti morti eramo giunti com terra di sorte non potevamo scampare e, subito conobbono ch'era terradiserta e no' navigabile, tutta la nave in rivolta, chi diceva in un modo e chi in un altro, molta gente e quasi tutti spogliati per gittarsi a nuoto per campare la vita in terra / perché è terra non conosciuta non sapevano se un passo più avanti era basso, subito facemmo gran fuochi e tirammo molti tiri d'artiglieria. All'altre nave videndo noi hanno peranco abbicati com terre tironno nell'altro banda e funno alla volta del mare, la qual non potevano pigliar per esser del tutto in terra, e non potevano girare la nave; dilibi[r]ammo dare la gomea e andare colla nave bene a orza; e così andammo per vedere se detta terra aveva fine. E noi andando così perché l'altre navi andavano nell'altro modo e noi in questo altro, tornammo a prendere consiglio di pigliare altra volta e girammo e mettemoci a orza tanto che in tutta sorta stavamo in ...no ..., potete pensare, di notte, com terre nel mezzo del mare posta e lo mare in cima d'esse, annegata tutta, che non si mostrava che li alberi. Gran cosa piacque a Dio, la lasciammo e a mezza notte fornimmo di lascialla e navigando così non parevano // l'altre nave e di già ci avevano fatti perduti. E stando così avemmo vista delle navi e gran festa facemmo come potete pensare. E di lì, partendo tutti, a capo di 4 o 5 dì avemmo vista di terra di Mozambique, e andando a riconoscere la terra non volle el nostro capitano pigliare acqua, né nulla.

Fummo un buonora per andare avanti e per lungo della costa navigando arrivammo tanto avanti a una terra chiamata el Cabo das Chorrendes.

[...]

II

Regimento de D. Manuel I a Cid Barbudo (extrato)

[Lisboa, 11.1505]

Torre do Tombo, *Leis*, Maço 1, Doc. 24, fól. 7v.^o

Publicação: Raimundo A. de Bulhão Pato (Dir.), *Cartas de Affonso de Albuquerque seguidas de documentos que as elucidam*, Tomo II, Lisboa, Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1898, p. 350

[...]

Item Quando partirdes de çufalla, porque parece que tendes pera yso tempo que abaste, folgaryamos de yrdes descobryndo pera o mar ate terra de sam lourenço, fazendo voso caminho de lessueste ate dar-des em terra, porque nesta parajem achou lopo dabreu os baixos, pera se saber quanto estam apartados da terra, porque folgaryamos de serem beem sabidos por comprry asy a noso seruiço pera segurança da navegaçam da Imdia, ysto dandovos o tempo lugar pera este caminho poderdes fazer, e nam se vos gastando o tempo pera no mes de março serdes em moçambique, como antes vos fica mandado, pera achardes a frota que da Imdia hade vyr pera estes reynos prazendo a deus, e que parece que neste tempo deue aly de seer

[...]

III

**Carta de Giacomo Buonguglelmo a Giovanni Buonguglielmo
sobre a viagem que fizera à Índia na armada de Tristão da Cunha,
contendo informações sobre a Ilha de São Lourenço (extrato)**

Ilha de Moçambique, 18.01.1506

**Archivio di Stato di Mantova, *Archivio Gonzaga*, Ms., E. XV. 3,
b.n. 631, *Affari di Francia***

**Publicação: Stefania Elena Carnemolla, *Fonti italiane dei secoli
XV-XVII sull'espansione portoghese*, Pisa, Edizioni ETS, 2000,
p. 97-100**

[...]

A' xvi di nov(em)bre si partì di qui il n(ost)ro cap(itan)o moro cu(m) x velle p(er) andare a discoprire una isola di San Lore(n)zo, che è 90 leghe di qui, p(er)ch(é) una nave di n(ost)ra co(n)serva to-chò a q(ue)lla costa, et levò cu(m) seco dua mori peschatori di quel paese. E' quali qui cu(m) ce(n)ni et cu(m) mostrare alcu(n)ne cose loro, si potea co(m)prehender(e) q(ue)llo dicevano. Dipoi il cap(ita)no generale di q(ue)sta frotta hebbe una lingua ch(e) li 'ntendeva. Et trovamo tutto lo ch(e) se li dema(n)dava p(er) cenni, tornarlo a replicar(e) alla li(n)gua. Di modo ch(e) p(er) esser ta(n)to gra(n)di richeze, il cap(ita)no g(e)n(era)le Tristano Dagna gli ma(n)dò a dare vestito et farli bona co(m)pagnia. Et lo che dicono q(ue)sti dua mori delle richeze de l'isola di San Lore(n)zo seno(n) queste: gherofani per chargare tutta q(ue)sta frotta, noci moschade el simile, bengiui in gran qua(n)tità, pirata di Dio, ariento. Lo dito cap(ita)no ne portò qui cu(m) seco. Et Dagna, cap(ita)no di q(ue)sta frotta me ma(n)dò a chiamare

p(er)ch(é) io lo tochassee per sapere la legha, et così feci. Et la trovai a otto leghe e mezo seco(n)do mia tocha. Et più diti mori dixonono che de le parte di là mandano nave grande come le n(ost)re cu(m) tre mastri, et li homini bia(n)chi come noi, vestiti di pa(n)ni di seta et lana, et za(m)belotti come noi. Et che de dua in dua anni navicano là due o tre nave gra(n)de et più no. Et se co(m)prehe(n)de ch(e) non potevano essere seno(n) nave de giunchi. Et quella generatio(n)e porta in India e' gherofani a vender(e). Et mai s'è potuto sapere dove nascano gherofani, seno(n) ch(e) q(ue)sti giu(n)chi li contractano. Et stava tal negotio tutto i(n) loro mani. Hora parendo al cap(ita)no moro q(ue)ste molto gran cose come sono, et no(n) haver(e) tempo p(er) potere navigare ad India cu(m) dece velle le più pichole, ch(é) la magior nave levò ccc^{to} tonella fu a discoprir(e) q(ue)sta isola di San Lore(n)zo, che sono cc^{to} leghe discosta. Et se trova esser(e) vero lo ch(e) è fuori qui. Dissono q(ue)sta è una cose ch(e) è molto magior richeza ch(e) in India, et io p(er) me la fo cosa certa, et ch(e) troverà le cose ch(e) diti mori notificano. P(er)ch(é) tutto diceva(n)o, come nasceva, et che il gengivo se seminava, e' gherofani uno arbore li dà, noce moschade el simile, bengiù, e v'era go(m)ma che dà uno certo arbore ch(e) sta basso di terra di modo ch(e) tutto rotava come nasceva, ch(e) non può essere seno(n) vero. P(er)ch(é) li mostramo pigme(n)ta, dixonono che no. Li mostramo alt(r)e drogherie lo ch(e) havea i(n) q(ue)lla isola, diceano ch(e) sì. Et lo ch(e) no(n) v'era, decivano ch(e) no. E q(ue)sta era una grande giustificatio(n)e. Et molto più, dice(n)do ch(e) navicava là nave tam grandi como le n(ost)re et ge(n)te biancha come noi vestiti, ch(e) no(n) può essere seno(n) q(ue)sta generatio(n)e di giu(n)chi. Et quando il cap(ita)no di la nave di n(ost)ra conserva prese q(ue)sti dua mori, fu di q(ue)sta maniera ch(e) p(er) i tempi co(n)trarii fu a tener(e) a q(ue)sta costa. Et di terraferma venne due zambichi cu(m) ben 30 homini. P(er) li ritenere alegra(n)dosi di loro venuta, et volevano meter(e) la nave in uno porto tre leghe donde stava surto. Il cap(ita)no no(n) se volse fidare. Et p(er) i tempi contrarii levò anchora et tornò. Deti du' mori et li altri lasciò, et si fece alla vella. Et q(ue)sto no(n) può esser(e) magior verisimile poiché

solchaveno cu(m) le nave che di là navichi. Q(ue)ste nave d giu(n)chi et q(ue)sti sono q(ue)lli ch(e) sempre hano tenuto e' gherofani in le mani. Né ma' s'è puotuto saper(e) come naschono. Et se q(ue)sta cosa si discopre, puoteti dire e' portugesì sig(no)ri di tutta q(ue)sta parte de India. Et venetia(n)i no(n) facia(n)o co(n)to haver(e) uno gra(n)no di spetie da la parte di qua, ch(é) se noi alt(r)i facimo q(ue)sta forteza al capo di Taglafune, no(n) può passare uno ucello dallo stretto in là. Es se questo cap(ita)no moro scopre hora q(ue)sta isola lì et trova esse cose esser(e) vere, Portogallo è la più richa parte dil mo(n)do. Dio lassì scoprir(e) tutto, et ci dia victoria contra q(ue)sti mori, et ci aco(m)pagni p(er) tutto a salvame(n)to. Et se q(ue)sto viaggio si facesse p(er) servitio come si fae p(er) guadagno, tutti seriamo beati p(er) le adversità et pericoli passiamo.

P(er) vo(st)ro adviso, questa n(ost)ra nave no(n) fo a discoprire col cap(itano) moro p(er)ch(é) portava gra(n)de rischio, perché è nave grande et là sono molte badie, et costa brava, di modo ch(e) havimo p(er) co(n)siglio restare qui insieme cu(m) la nave cap(ita)na di sconto tonella, ché nave grande no(n) sono per discoprire, et maggiormente noi ch(e) havimo di merca(n)tia. Et qui no(n) aspectamo che tempo p(er) scorrere q(ue)sta costa. Che il cap(ita)no moro più ava(n)ti lo aspettarimo come a Melinde et più in là se il tempo ci rinterza, et lì raverneremo. Dio ma(n)di presto cu(m) buono.

IV

Sumário de todas as cartas que vieram da Índia para o Rei de Portugal nas naus capitaneadas por António de Saldanha e Cid Barbudo (extrato)

Quiloa, 30.08.1506

Torre do Tombo, Gavetas, XX, Maço 4, Doc. 15, fól. 9-9v.^o

Publicação: A. da Silva Rego (Dir.), *As Gavetas da Torre do Tombo*, vol. X, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1974, p. 361-365²

[...]

Item que ha muitos mantimentos nas ilhas de **Alcomor** milho aroz vacas cabras galinhas e pedras que valiam muyto poreu que sam poucas.

[...]

Item as ilhas d'Alcomor jazem de Quiloa lx legoas ao mar e **Çada** que sam a terra de Sam Lourenço e sam estas a saber.

liera que he huña ylha muito grande e tem rey mouro.

Zoane outra

Gazija outra

Maotoe outra

Acymae outra

Molale outra

² Consultámos o original e apresentamos, em negrito, as variantes que lemos de forma diferente.

Todas tem reis mouros e muitas agoas gados infymdos e grandes milhos e arozes e gengyvres e muitas fruytas e açuquar e daqui se bas-teera Quiloa e Mombaça e todallas outras ilhas aqui comarçãs e que se acha nelas pedrarya.

E allem destas diz que vay terra fyrme que chamam Çada e que he grande e que a outra parte della chamam Marynhene e que dizem os mouros que sam la as tormentas gramdes e que se perdem la todos os navios e que ha nella muitos mouros e gente alva e negra

Item diz que todas estas ylhas se podem senharear e trebutar

Item diz quanto voso serviço he ter Çofala e que he cousa de gramde proveyto e etc.

Item que avia de mandar Gonçalo Vaaz com dous zambucos care-gados de cal a Çofala e que ho avia de mandar tornar por estas ilhas d'Alcomor por lhe parecer asy muito voso serviço

[...]

V

Mandado de Manuel Fernandes, capitão nas partes de Sofala, para os contadores régios levarem em conta ao feitor Sancho Tavares as mercadorias que entregou a Afonso Lopes da Costa para as levar a Tristão da Cunha capitão mor, que ia descobrir a terra de São Lourenço

Sofala, 22.11.1506

Torre do Tombo, *Corpo Cronológico*, Parte II, Maço 11, Doc. 185

Publicação: A. da Silva Rego (Dir.), *Documentos sobre os portugueses em Moçambique e na África Central: 1497-1840*, vol. I (1497-1506), Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1962, p. 708-710

Manel Fernandez escudeiro fydalguo da casa del rei noso senhor e seu capitam nestas partes de Çofalla mando a vos comtadores do dito senhor que leves em comta e despesa a Sancho Tavares seu feitor em ella estas mercadorias e cousas que per meu mandado entregou Afomso Lopez da Costa capitam da naao Taforea pera as levar a Tristam da Cunha capitam moor que em bo ora vay descobrir a terra de Sam Lourenço – a saber –

Cem varas de pano bretanha bornida branca

E de pano d'algodam bramco curado e por curar cimquenta e quatro varas

E quoremta e cimquo faraçollas de marfym

E quoremta e oito demtes delles gramdes e delles pequenos

E cymquoemta varas de pano de galneu azul bornido estreito

E de pano bretanha azull bornido largo cimquoemta varas

E quymze fambulles meãos da taixa de tres miticaes cada hum
E cimquze (sic) fambulles da taixa de dous miticaes cada hum
E quynze quandequys vermelhos da taixa de dous miticaes cada
hum

E quoremta duzeas de cascaves delles gramdes e delles pequenos
E cinquemta milheiros de matamgo (sic) amarello grosso
E cincoenta milheiros de comtinhas amarellas e verdes fynas
E cimquenta maços de comtinhas cumãs (= cumuns) amarellas e
verdes

E cimquo mil comtas de comtas de Veneza conpridas azuis fynas
E quatro maços de comtas d'estanho de desvayradas feições que
tem cada maço dez ramaaes e cada ramal cimquenta comtas

E hum milheiro de comtas d'azevyche

E dous lambes – a saber – hum d'Ouram e outro de Symtra

E dous alquices hum de larquar largo e outro abanes

E duas aljaravyas – a saber – huma “davara” e outra de “tevez” (?)

E seis duzias de baretes baixos

E trezemtas manilhas de latam

E doze bacias de mjar (sic) de latam

E dous bacios machos grandes de latam

E quatorze peças de peos de cofar pera pesar o ouro em que mom-
tam em todos comtya de cem miticaes

E humas balanças

E per este meu mandado com ho conhecimento do dito Afomso da
Costa feito per seu escrivam e asynado por ambos em que decrete
como lhe todo fica caregado em reita (sic) mando aos comtadores do
dito senhor que sem mais outro mandado nem conhecimento vos levem
asy as ditas cousas em comta e despesa.

Feito per mim Joham Roiz Mealheiro alcaide moor escrivam da dita feitoria em Çofalla a 22 dias de Novembro de 1506

Manuell Fernandez

Sejam certos os que este nhecymto (sic) vyrem como he verdade que Afonso Lopez da Costa capytam da nao Taforea recebeo de Samcho Tavares feytor todas as mercadorias e cousas contehudas neste mandado atras escrito perante mim Allvaro Fernandez escrivam da dicta nao que lhas todas careg[u]ey em receyta. E porque asy he verdade lhe deu este conhecymto feito per mim dicto esprivam e asynado por ambos aos 22 dias do mes de Novembro deste ano de mill quinhentos e 6 anos.

Afonso Lopez da Costa Allvaro Fernandez

VI

Carta de Jacobo Buonguglielmi a Giovanni Buonguglielmi sobre a viagem de Tristão de Cunha à Índia (extrato)**10.01.1507****Bibliothèque Riccardiana de Florença, *Códice Riccardiano*,
fól. 124-124v.^o****Publicação: C. M. Radulet et L. F. Thomaz, *Viagens portuguesas à Índia (1497-1513). Fontes italianas para a sua história: O Códice Riccardiano 1910 de Florença*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2002, p. 240-241**

[...]

A dí 16 di novembre si partì di qui el nostro capitano-moro con dieci vele per andare a scoprire una isola di San Lorenzo, ch'è novanta leghe discoto a qui, perché una nave di nostra conserva toccò a quella costa e levò duo neri consecò, pescatori di quel paese. E quali qui contenni e con mostrare loro alcuna cosa si poteva comprendere quello che dicevano. Dipoi el capitano generale di questa frotta ebbe una lingua che li intendeva e trovammo tutto ciò che si domandava con cenni a ritornallo a ripricare alla lingua di modo che per essere tanta gran ricchezza / il capitano generale Tristan da Cugna li mandò dare vestiti e che fusse fatto loro buona compagnia. Il che dissono questi due neri della ricchezza dell'isola di San Lorenzo e che v'è su gherofani per caricare tutta questa frotta, e noce moscade el similie, macis di noce el simile, bongui in gran quantità. Parlata di convento loro [il] capitano ne protò qui consecò Tristan da Cugna, capitano generale di

questa frota, mi mandò a chiamare perché io lo tocassi per sapere la lega e così feci: perlata vuol dire ariento, el quale trovai a 8 leghe e $\frac{1}{2}$ secondo mia tacca. E più disonó tali neri che dalla parte di là navigavano navi grandi come le nostre co' remi maschi e gli uomini bianchi come noi e che di 2 anni in 2 anni navigano lá 2 o 3 navi grandi. Eppure non si comprende che potessino essere se non nave di giunchi che quelle generazioni porta in India e gherofani a vendere e mai s'è potuto sapere dove nascono e // garofani, se non che questi giunchi le contrattano e fanno tale negozio tutto in loro mare.

Ora, parendo al capitano nostro questo molto gran cosa, come sono, e non avere tempo per potree navigare in India, co' X vele, le più piccole, che la Maggiore leva 300 tonelli, fu a discoprire questa isola di Sa[n] Lorenzo, che sono 200 leghe discosta, e se truova essere vero ciò che mori dissono, questa è una cosa certa ch'è molto maggior ricchezza che l'India, e io, per me, la fo cosa certa e che si troverà tutte le cose che detti mori notificarono perché tutti dicevano come nasceva e che 'l gengiovo si seminava, e gherofani, e un albero fa noce moscade, simile a bongui, e come che da uno albero che sta presso a di[te] terre. E di tutto contava come nasceva, che non può essere se non vero perché li mostrammo pepe, disonó li mostrassimo altro dirò ciò che avevano in quella terra ch'essi lo conoscería, dicevano: che questa era una gran giustificazione. Molto più dicevano, che navigava là nave grande come / le nostre. E gente bianca come noi e vestiti, che non può essere se non questa generazione de' giunchi.

E quando 'l capitano delle nave di nostra conserva prese queste due neri fu di questa maniera: che pe' tempi contrari fu d'arrivare in questa costa di terra ferma, venne dua zambucchi com bene 30 uomini per ricevelli allegrandosi di lor venuta e volevano mettere le navi in un porto tre leghe appresso dove stava surto. El capitano non se ne volse fidare e per el tempo contrario levò l'ancora e tenne e detti due neri e li altri lasciò e si fece alla vella. E questo non può essere piú maggiore verisimile poichè solcavano colle navi che di là navigano.

Queste naove di giunchi e questi sono quelli che sempre hanno tenuto e gherofani nelle mani e mai s'è potuto sapere dove nascono esse. Questa cosa si si scuopre si potrà avere di Portogallo signore di tutta questa parte d'India e veniziani potranno tornare a fare e loro // ufficio e anco che delle parte di quà non faccino mai conto d'avere un grano di spezie che se noialtri facciamo questa fortezza al cavo di Tagliafunne, non può passare dipoi un uccello dallo stretto in là. E se questo capitano-moro scopre ora questa isola e trova queste cose essere vere, Portogallo è la più ricca parte abbi el mondo.

[...]

VII

Carta de Afonso de Albuquerque a D. Manuel I sobre a descoberta da Ilha de São Lourenço (extrato)

S.I., 06.02.1507

Torre do Tombo, *Corpo Cronológico*, Parte I, Maço 6, Doc. 8

Publicação: Raimundo A. de Bulhão Pato (Dir.), *Cartas de Affonso de Albuquerque seguidas de documentos que as elucidam*, Tomo I, Lisboa, Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1884, p. 1-5³

Senhor. Escripto tenho a vossa alteza todo ho passado até nossa chegada a momçanbique, domde partimos caminho da terra de sam lourenço: temdo detriminado ho capitam moor de aquy neste porto passar hos leuamtes, nos mandou chamar todos hos capitãees e pilotos e lhe pregumtou ho caminho que fariamos pera esta terra e porto domde estes homeens **eram, disseram** todos hos pillotos que pella bamda **do norte e nam por homde** Ruy pireira viera, que foy pella **bamda do sull ou homde ha** eu descobry; pregumtey lhe a **elles todos peramte ho capitam moor** a Rezam que davam **pera ysso nom ma deram boa Nem** maa nem na tinha por nom **sser a Jlha descuberta per aquella** bamda, nem saberem quamto **boJaua pera a bamda do norte**, somemte manuell telez que cremos que veyo **ao mar da** terra de sam louremço sem aver vista della, veyo ter a huña pomta de cabo de terra em altura de homze graoos, vimdo demandar a costa de quyloa: pregumtou ho capitam moor o que me parecia, disse lhe que nom deuia de hir senam por homde Ruy pireira viera pello porto de santiaguo e por esta bamda do

³ Consultámos o original e apresentamos, em negrito, graças a um aparelho de raios ultravioletas, as palavras omitidas por Bulhão Pato.

sull, porque seria muy maoo de cobrar de momçambique no tempo em que estauamos a pomta da terra que manuell telez deixara em homze graoos, porque quatro graoos de momçambique pera hos aver de cobrar comtra as agoas que coriam e comtra hos leuantes guastariamos muyto tempo e aymda sseria duuyda podella aver, e que ho all hera arado conselho temtar cousas novas e caminho que nom era descuberto, porque do tempo tinhamos mais necessidade; que vimdo janeiro se podia naueguar pera homde vossa alteza tinha emderemçada vossa frota a se fazer as cousas de vossos Regimentos, e que ouuesse por certo como as naoos aventassem fumdo em terra que nom era descuberta, nom fizessem fmgamento de com hos prumos nas mãos ouuessem dandar cada dia tres leguas; e mais que tinhamos piloto e nao que saberia tornar ao porto destes homens, o quall porto nós averiamos daquy de moçambique em seis dias á popa e nos ficaria tempo pera sabermos de hy em diante ho que aviamos de fazer; e mais que elle tinha mandado a taforea tornar a çofalla a ver se lhe queriam dar algum dinheiro, porque da primeira se escusaro, e que daly se fosse aguardallo á terra de sam louremço pello caminho do porto de santiaguo; todavia quys ter estoutra volta dos pilotos e daly a muy poucos dias achou tudo o que lhe dissera; quando detriminou de tomar meu comsselho **tinhamos Ja** guastado perto de tres meses **ao lomguo da terra que sseraa** cento e sessemta **ou cento e ssetemta lleguas de** costa.

Com esta detriminação **tomada partio ho** capitam mor de momçambique **com todollos** nauyos da minha armada que já aquy eram e com ho seu nauyo e a nao de Joham gomez e ha de Ruy pereira, Jo queimado, e fomos aver ho parcell de samta maria e ha corôa darêa que eu descobry, que achamos em altura de dezasete graoos e meyo, setemta leguas de momçambique; e em tam pequeno caminho nos botaram logo as agoas dous graos e meyo ao sull: cortamos por este parcell com ho prumo na mão per sete braças, oyto braças e cimquo e quatro e meya, e sorgiamos de noite, até que ouuemos vista da terra: lamçamos hos batees fora, fomos em terra com ho capitam moor saber que terra era, tomamos hum zambuquinho pequeno com douus mouros, falamos

com a jemte da terra; eram caferes, nom se emtemdiam bem com estes da terra de sam louremço que trouxe Ruy pireira, nem achamos nova de nenhuña especearia senam de gymgiure que nos amostrarom; nom lhe perguntou ho capitam moor por a camtydade que poderia aver na terra: estes mouros que tomamos nos amostraram douus portos. No primeiro achamos hum luguar de mouros em que saymos; fuginos a jemte toda do luguar, em que achamos muyto mantimento, tomamos lho todo e pusemos fogo ao luguar, e nesse mato a nossa gemte solta matou alguñs mouros que jaziam escomdidos, e trouxerom alguñas mulheres ao capitam moor, que deixamos hy; daly nos partimos ao lomguo da costa com melhor Resgardo que podiamos: foram nos amostrar estes douus mouros que tomamos, hum luguar grande que tomamos, que se chama lulamguane, jaz demtro em huña emseada; he huña Ilha perto de terra firme quamto pode ser hum tiro de bésta, tem suas abeguoaryas em terra firme de muytos guados e lauoyras e escrauos; antes que as naoos aparecessem, mandamos douus bates diamte que se metessem **amtre a Ilha e a terra firme** por nom deixarem passar nenhuum **delles pera terra** firme; como viram as naoos surgyr **diamte do luguar foy tomado** medo tam grande neles que se lamçarom **todos ao maar delles** em zambuquos e deles em almadias [e] **delles a nado sayo ho** capitam moor em terra **Em que avia ajmda asaz de gemte com** suas azagayas e adargas, como **Nos metemos ao luguar deitarom** se muytos delles a nado **sem almadias e toda outra** gemte que na Ilha esperou, se trouxe á espada **pareçe nos** senhor que pellas grandes corentes e escarceo que fazia amtre a Ilha e a terra firme, que hos zambuquos todos se perderam com toda a jemte e todas as almadias alaguadas, e ho mar era coalhado domes afogados e molheres e mininos parece me, senhor, que amtre hos mortos da Ilha e os que se afoguarom seriam bem mill almas, e muytos catiuos que as naoos trouxerom, porque ho capitam moor deu licemça que tomasse cada hum aquelles que quisessem; escolheo cada hum o que lhe bem veyo: no luguar se tomarom alguns panos de cambaya, prata pouca e algum ouro pouco, porque trautam aly as naoos de melimde e mombaça em escrauos e mantimentos; tinha tamto arroz

que vimte naos ho nom puderam careguar; tres dias teumos asy ho luguar, até que cada hum tomou ho que podia alojar, e ho all que ficou lhe Resguatou ho capitam moor por vacas e cabras e lhe deixou muytas molheres e minynos que as naos nom podiam trazer: tomamos nossa aguo a e partimos ao lomguo da costa; mandou loguo ho capitam moor as naos pella Roupa de canbaya, e de todo ho ouro e prata deu ho terço a quem ho achou, e fomos asy per espaço de dias atee ver o cabo da terra, homde gastamos muyto tempo sem no podermos dobrar com leuantes e agoas que coriam a nós. Até aly nom podemos saber se esta terra era apeguada com a terra de sam louremço ou era Ilha sobre sy: tomou o capitam moor na pomta desta terra hum homem, mostram lhe crauo, disse que hy no mato avia muyto delle, ho capitam moor nom lhe deu muyto credito; tornou a voluer daly pella bamda por homde lhe tinha acomselhado e por homde rruy pireira viera com hos homens da terra.

E tornamdo nós asy ao **lomguo da costa nos** mostraram hos mouros que tomamos em **lumlumguane huña emseada gramde** que se chama çada, em que **ha muytas pouoações de cafres** e trautam aly muytas naos **desta costa [...]** **em escrauos e mamtimentos** e em fero, que se **tira aly deu ho Capitam moor em duas** povoações; a jemte **nom nos esperou queimarem lhe hos** lugares pareceriam atee douus mill **homees com suas** azagayas e adarguas e arcos de frecha nom ousarom de pelejar com nosco e asy acudia jemte de hũa parte e da outra por ser terra firme.

Semdo nós em meado janeiro, pareceo me vosso seruiço, pois que armada podia naueguar, acomselhar ao capitam moor que nos partissemos em duas partes, eu com armada ao cabo de gardafur e elle com essas naos que hy tinha de caregua a descobryr essa terra. Respomde me que sy, que era bem, porem que elle tinha necesydade da taforea que llá tinha mamdado diamte e do Rey gramde que queria levar consigo: quando vy sua detreminaçam e ho desbarato de minha armada e conhecy ho tempo que elle llá homde hya podia guastar, e emtam lhe disse que seria vosso seruiço levar eu toda armada e ajuntalla por huñ

quer que achasse e hyr fazer a fortaleza de çoquotorá, e daly, vimdo tempo, ajumtar a frota que as careguas aviam de hir tomar aa Imdia, e hordenar lIhe sua pasajem e pollas em hordem; e emquanto nom fosse tempo datrauesarem, dar fauor com ellas ás cousas da costa darabia que vossa alteza tinha guanhadas, e ho que se hy mais pode fazer por vosso seruicho: pareceo lIhe bem, dizendo me sua detreminaçam e do que esperaua de fazer de sy; emtam me deu um mamdado pera as naos fazerem o que lIhe mandasse, posto que ho eu tragua de vossa alteza abastante pera yssso, e asy sapartou de mym e em muy poucos dias vim ter a momçambique, homde estaua a naoo santiaguo e a naoo em que vem Ruy diaz pireira; e a taforea que emtam cheguara da terra de sam louremço, homde há ho capitam moor mamdara que ho esperasse, vyo tantos meses gastados sem no capitam moor vir, que detriminou vir se a momçambique, homde leuaua por seu Regimento que se tornase, e trouxe **desta vez quatro** mill maticaees d ouro, hos quaees mandey entreguar ao feitor da minha naoo, pera quamdo vier ho tempo d[as n]aoo atrauessarem aa Imdia hos mandar **ao capitam gerall das Jmdias** e aquy achey a naoo de lagoos **e a carauela e antonyo do campo mamdey** do caminho antes que cheguasse a momçambique em busca de lionell coutinho, que me disseram que estaua em quyloa, e da guarça que estaua em milimde, e lIhe mandey amostrar ho poder do capitam moor e carta minha em que lIhe mandaua que em milimde me aguardassem

[...]

VIII

Sumário de uma carta de Afonso de Albuquerque ao Rei de Portugal, feito pelo Secretário António Carneiro (extrato)

14.02.1507

Torre do Tombo, *Gavetas*, XX, Maço 4, Doc. 15, fól. 18v.^o

Publicação: A. da Silva Rego (Dir.), *Documentos sobre os portugueses em Moçambique e na África Central: 1497-1840*, vol. II (1507-1510), Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1962, p. 140

[...]

Item como tornou a topar Tristam da Cunha viimdo da terra de Sam Lourenço e lhe entregou a frota e tornaram a Moçambique.

[...]

IX

**Sumário de uma carta de João da Nóvoa ao Rei de Portugal, feito
pelo Secretário António Carneiro (extrato)**

05.03.1507

Torre do Tombo, *Gavetas*, XX, Maço 4, Doc. 15, fól. 16

**Publicação: A. da Silva Rego (Dir.), *As Gavetas da Torre do Tombo*,
vol. X, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1974,
p. 369**

[...]

que mande logo Vosa Alteza entender no descobrymento da terra
de Sam Lourenço porque ha nella muitas mercadaryas e muyta prata
e que vaa pesoa que sayba que cousa he trauto e vaa pera logo pasar
daly a Malaca porque os mouros dizem que de dous em dous anos
vem aly navyos grandes de homens vestidos e que mande Vosa Alteza
estreytamente que se nom faça guerra.

[...]

X**Sumário de uma carta de Afonso de Albuquerque ao Rei de Portugal, feito pelo Secretário António Carneiro (extrato)****10.11.1507****Torre do Tombo, *Gavetas*, XX, Maço 4, Doc. 15, fól. 17v.^o**

Publicação: A. da Silva Rego (Dir.), *Documentos sobre os portugueses em Moçambique e na África Central: 1497-1840*, vol. II (1507-1510), Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1962, p. 216-218

[...]

Item, o que se fez na Terra de Sam Lourenço e que segundo a en-
formaçam que tem he cousa grande e que o gengyvre he muyto mais
groso que ho da India e que segundo seu entender parece que deve ser
este o que se chama mequym.

[...]

XI

**Regimento de D. Manuel I dado a Diogo Lopes de Sequeira para
ir descobrir a parte oeste da ilha de S. Lourenço (extrato)**

Almeirim, 13.02.1508

Torre do Tombo, *Corpo Cronológico*, Parte I, Maço 6, Doc. 82

**Publicação: Raimundo A. de Bulhão Pato (Dir.), *Cartas de Affonso
de Albuquerque seguidas de documentos que as elucidam*, Tomo II,
Lisboa, Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1898, p. 403-419**

Nos elRey fazeemos saber a vos dieguo lopes de sequeira, fidallguo de nosa casa, e capitam moor dos nauios que ora enviamos a descobryr, que este he o regimento que vos mandamos que cumpraees e gardees nesta ida, em que com ajuda de noso senhor vos mandamos a descubryr [...]

Item porquanto leuares daquy toda augoa que nos parece que deuees levar pera se poder escusar a tomardes tam cedo em outra parte, aveemos por bem que, tanto que com ajuda de noso senhor fezerdes vella de lixboa pera segir vosa viagem, mandees fazer voso caminho como com conselho dos pillotos mais posa ganhar pera dobrardes ho cabo da booa esperanza, porque nam aveemos por beem que toquees em bizigiche, por o poderdes escusar; e dobrado ho dito cabo, prazendo a noso senhor, hauees demandar a amgra da roca, porque dally nos parece que deuees fazer voso caminho pera a terra de sam lourenço, por parecer mais proueitoso, e queremos que toquees aquy na amgra da roca, pera se allgum nauio de vosa comserua se apartar de vos ho irdes ally buscar, e elle a vos, como adiante vos sera declarado [...]

E se pella ventura, quando a dita angra da Rocha cheguaseis, achaseis os mesmos synaees, os quaes hade poeer o nauyo de vos perdido, porque hade esperar por vos, chegando primeiro, quinze dias, em tall caso, depois de ally tomardes o que vos comprir, vos partirees e farees daly voso caminho direito a ponta da terra de sam lourenço, da banda dalloeste, onde aveemos por noso seruiço que vaades tomar, pera a dita banda dalloeste corerdes toda a dita terra, e a descobrires, porque desta outra banda he ja toda vista.

Item se primeiro chegardes a dita ponta da terra de sam lourenço da banda dalloeste, e nam achando hy os sobreditos synaees pera saberdes que chegou ally o nauio perdido da vosa comserua, poheres vos os ditos synaees, e começarees dhy por diante a fazer voso descobrymento como ao diante vos sera decllarado, pera elle saber como ally chegastes, e hir em vosa busca, corendo a dita terra pella dita bamda daloeste.

E se o nauio de vos perdido primeiro cheguase a dita ponta da dita terra sem achar hy os ditos synaees, esperara hy por vos quimze dias, e se pasados nam fosees, emtam poera hy os ditos synaees, e se partira, e ira fazendo seu descobrymento ate chegar ao cabo da dita terra, que he o cabo de tristão da cunha, e nelle vos esperara outros quimze dias, e se pasados nam foseis, emtam fara o caminho que vos mandamos que vos mesmo façaes, como ao adiante vos sera declarado.

Item da angra da Rocha, como dito he, farees voso caminho direito a ponta de samta marya, da dita terra de sam lourenço, que he da banda do loeste, e a primeira terra da dita terra de sam lourenço, e dhy feito todo o que dito he, se allgum nauio ate emtam de vos fose apartado, yrees correndo a dita terra pela dita bamda dalloeste ate o Rio de tanana, trabalhando de veer e saber muy bem todo o que ha na terra, como ao diante vos sera declarado nos capitolos que nyso fallaram, e aquy neste Rio, se ate emtam nam fose comvosquo o nauio de vos apartado, o esperarees aquelles dias que vos bem parecer, e trabalharaees de por este Rio descobryrdes, quanto bem poderdes, toda a terra e cou-sas della, como nos ditos capitolos se contem que ho ajaees de fazer, e sabido todo ate qy te este Rio muy beem, correees ate ao cabo de

tristam da cunha, e nam achando ate lly ou nauio ou nauios que de vos fosse apartados, e achandovos soo no navio em que his, que noso senhor nam mande, e imdo com caregua do que na terra achaseis, tanto que foseis de todo caregado, neste caso emtam vos yres a moçambique, e dhy farees voso caminho pera estes Reynos. E nam achando cargua poherees os synaees, que atras fiquam ditos, nos portos e lugares homde estiuernes na dita terra de sam louremço ate ao dito cabo de tristam da cunha, e como ao dito cabo de tristam da cunha chegardes, esperarees hy dez dias por a vosa comserua, e nas cartas que avees de leixar nas ditas cruces leixarees recado do caminho que fazees, e nam vos acudindo nelles, vos hy a moçambique, e dhy hy correndo a costa ate çocotora, e dhi atrauesay pera a Imdia a tomar carregua, segundo que lleuaes per as cartas nosas pera nosos feitores volla averem de dar, e dandovos ho tempo llugar, e nam vollo dando, em tall caso vos ajuntarees com quallquer frota ou armada nosa que desta bamda achardes, pera em sua companhia nos seruides com o nauio que lleuardes.

E se vos achaseis com outro nauio, e sem carrega, ambos asy farees com elles ambos voso descobrymento, como ho avees de fazer achandovos juntamente com todos os da comserua que leuaes, e asy o farees achandovos com tres nauios, posto que ho houtro de vos fose apartado.

Item: vos trabalharees na dita terra de sam llourenço, com a comserua com que vos achardes, por a descobrir toda, e correrdes por a dita bamda dalloeste, vendo e emtrando em todos os portos que nella ouuer, em que seguramente poderdes emtrar, marcando as baras e emtradas delles, e tomando os synaees delles, e poendeos em esprito pera fiquarem bem sabidos, e se poderem gardar os nauios, que ally depois forem, de quallquer peryguo que nelles ouuer, e nos ditos portos e llugares, em que achardes pouorações e geente, mostrarees toda mostra de mercadarias que lleuaes, asy despeciarias como ouro e prata, como todallas outras. E achando nouas dallgumas dellas que aja na terra, trabalharees de saber onde e de que parte, e se sam em parte que se posa lla ir por os Rios, se na terra os ouuer, se por terra, e quanto ha dy donde esteuerdes, e as nouas que diso souberdes aos lugares omde as

ditas cousas vos disserem que ha, e em quantos dias se pode la ir, e se he boom caminho, se maaõ, e que jemtes ha no caminho, e se podem pasar seguros os mercadores que vão, e asy quaeesquer outras pesoas, e se no caminho se leuam direitos aos mercadores das mercadorias, e se a terra he de muitos senhores, se deminuytos (?), e que mercadorias mais querem, pera se averem as mercadorias que souberdes que laa ha, e toda a outra mais emformaçam que vos parecer necesaria

Item: saberes se a dita terra de sam lourenço, asy nos portos onde esteuerdes, como em alguns outros, veem naaos de fora que trazam mercadarias, e donde veem, e como se chamam as gentes que nellas veem, e se sam mouros, se gentios, e que mercadarias trazem, e se sam as naaos que hy veem grandes, se pequenas, e de que façam saam, e o teempo em que veem, e em quantos dias pasam, domde veem a dita terra de sam lourenço, e como sam vestidos, e se trazem armas, e se sam homees brancos, se pretos, e se quando vem pera a dita terra de sam lourenço fazem escapollas em outras ylhas, e, se as fazem, que mercadarias acham nellas, e se se tornam no anno em que veem, ou esperam por outro tempo, e se veem cada anno, se de certos em certos annos, e o modo em que nauegam.

⁴Item: saberees se as gentes da dita terra de sam lourenço sam mouros, se gentios, e, se sam gentios, ho modo em que uiuem antre elles os mouros, e se reconhecem os mouros aos reis e senhores natu-raes da terra, ou teem guerra huuns com os outros, e se ha hy reis ou senhores de mouros apartadamente sobre sy.

⁵Item: se na terra ha naaos e nauios da propria terra, e se della nauegam pera algumas ylhas hy comarquaaas, e que mercadarias ha nas ditas ylhas

⁶Item: saberdes dos mantimentos que ha na terra, e o porque se poderam aveer, e se sam caros, se baratos.

⁴ À margem: “sabjdo”.

⁵ À margem: “sabjdo”.

⁶ À margem: “sabjdo”.

⁷Item: saberees do modo em que uiuem os reis e senhores da terra, asy gemtios, se nella os ouuer, como mouros, e que modo de justiça teem, e se sam ricos, e se teem tesouros, e se teem estado, e de que maneira, se teem alifantes ou caualllos, e que armas teem, e se teem algum modo dartelharya, e se sam gentes fracas, se guerreiras, e se ha amtre elles alguuns christaãos asy como na Imdia, ou conhecimento da fee de noso senhor jesus christo, e que costumes teem, e se teem allguns costumes que sejam conformes aos mallabares da Imdia, e toda a outra de que vyuem

⁸Item: perguntarees principallmente por as cousas de que teemos nouas que ha na dita terra, a saber, crauo, gemgiure, noz noscada, maças, beijoim, prata, ouro, e se destas ha cantidade e quanta, e se as ditas especiarias as prezam amtre sy, e tem trauto dellas como na Imdia, ou nam, e quaees mais estimam.

E vos lleuarees as mostras de todas as especiaryas, llacar, e tintas, e maças, e gemgiure, e beijoim, pera todo poderdes mostrar.

⁹Item: perguntarees se ha na terra cera, porque somos emformados que ha muita, e se elles a estimam, ou em que se aproueitam della, e porque mercadaria a daram, e se mercadaria cara, se barata.

Item: sendo caso que aquy nesta terra de sam lourenço achaseis tanto crauo e gemgiure, e quallquer outra sorte despeciaria e drogarya proveitosa com que beem posaes carregar todos os nauios que lleuarees, como prazera a noso senhor que sera, aveemos por beem, e noso seruiço, que sendo asy vos tornees daquy com elles carregados pera estes reynos em boa ora, e nam vades mais adyante, soamente, emquanto aquy se fezese prestes vosa carga, trabalhardes de descobrir e saber das ilhas daredor desta terra de sam lourenço, e que diz que aquy ha perto della, todo o que nellas ha e teem, e esto com ha mais segurança

⁷ À margem: “sabjdo”.

⁸ À margem: “[...] genJvre [sic] sabjdo”. Esta anotação não foi transcrita por Bulhão Pato.

⁹ À margem: “sabjdo”.

do nauyo ou nauyos em que ho ouueseis de fazer, que vos seja possi-uell, e seruindouos ho tempo pera yso.

E se aquy nesta terra de sam lourenço nam achaseis caregua pera todos os nauios das cousas que he dito he, e achaseis pera dous delles, emviallos-es asy carregados pera estes reynos com todo recado do que achaees, e achamdo carregua pera tres dos ditos nauios, vyruos-es com todos tres carregados, e o outro nauio mandares a Imdia, seruindolhe o tempo pera iso, pera llaa caregar, e se vir com nosas armadas, e se nam achaseis aquy caregua mais que pera dous nauios das cousas sobreditas, em tall caso os emviarees em booa ora pera estes Reynos, em recado do que achastes e fezeistes no descobrymento da dita terra, todo muy llargamente, e vos com os outros dous nauios descobryrees as ilhas do comoro, e as outras ilhas dahy darredor, e trabalhauos-es de muy particularmente saber de todo o que nella ha, como atras vos fica declarado que ho saibaees na dita terra de sam lourenço, e virees por melynde e mombaça até moçambique, pera saberdes como estam as cousas daquella costa, e aproueitardes em todo o que for noso seruiço.

[...]

Item: se na dita terra de sam lourenço nam achaseis carega das sobreditas cousas mais que pera hum nauyo, aveemos por bem que em tall caso carreguees soamente o nauyo em que vay por capitam joam nunes, e nollo emviay dahy asy carregado, com todo o recado, do que nessa terra achastes e soubestes della, e de quaesquer outras de que muy compridamente nos avisarees por elle, porem se amtes quizerdes mandar a naao em que his carregada de especiarya, e cousas que aquy achaseis, ficara em vosa escolha pera o poderdes fazer.

Item: acabado de fazerdes o descobrimento de toda esta terra de sam lourenço, e leixando nella postos os padrões que lleuaees pera aquy leixardes, que poheres nos lugares que mais convenientes vos parecerem, e nam avendo nellas mais que fazer, e todo ho della estardes beem emformado, e terdes imteira sabedorya, neem achamdo carega nella pera daquy mandardes tornar os nauios carregados como atras vos fica declarado, entam, se nellas ouuerdes nouas dalgumas ilhas que sejam

de proveito, illas-es buscar com conselho dos pyllotos ho tempo pera yso, e com toda segurança, e nam perdendo porem por yso tempo pera o caminho que avees de fazer adiante, como vos sera declarado adiante neste Regimento.

E hindo as ditas ylhas trabalharees de saber nellas todo o que nellas ha, asy como vos he declarado que ho façaes na dita terra de sam lourenço, aproueitandouos do que nellas achardes de mercadarias, de maneira porem que nam faça pejo aos nauios pera sua nauegaçam, e daquy das dytas ylhas, se a ellas fordes, ou da terra de sam lourenço, se a ellas nam poderdes hir, farees voso caminho, com ajuda de noso senhor, direitos a ponta da ilha de ceilam, e quando fezerdes ho caminho pera ceillam trabalharees de fazer ho caminho pela ylha de canda luz, ou por maldiua, que folgaryamos de serem desbaratadas

[...]

E este modo vos mandamos que tenhaes des que voso descobrimento começardes a fazer na dita terra de sam Lourenço

[...]

Item: em todas as terras em que chegardes preguntarees por christãos, ou se ha hy nouas delles, e asy por todas as cousas do trauto, e achando christãos os agasalharees e farees toda homra e boom trauto, e esforçarees na fee, dandolhe esperança que muy cedo noso senhor ordenara de serem postos em liberdade, e o seruirem com inteiro conhecimento e obras de verdadeiros e fiees christãos, e com mais beês esprituaes e temporaes, dizendolhes nosos descobrimentos e noso grande cuidado delles, com zeello e tençam de mayor emxallçamento e acrescentamento de nosa santa fee catolica, e dizendolhe as fortallezas que temos na Imdia e nas outras partes, e como a ellas cada anno enviamos nosas armadas de muytas naaos e gemtes, e esforçandoos quanto possiuell vos for com pallauras e obras, e que tanto que a nos chegardes nos enviaremos as ditas terras nosas armadas e gemtes pera hy asemtarem, asy como nas outras partes da Imdia o fazeemos.

Item: em todollos lugares em que esteuerdes vos trabalhay saber das naaos que a elles veem, e donde, e com que mercadarya, e os tem-

pos em que nauegam, e de todas as cousas das terras domde forem e se terem [*sic*] senhoryos [?] de mouros, se de gentios, ou de que gentes, e se teem guerras com seus visinhos ou paz, e toda outra emformaçam das cousas das terras domde forem.

Item: quando he inverno em as terras em que tocades e esteuerdes, e quando verão, e quanto tempo dura hum tempo e outro, e isto trabalhay de saber o mais no certo que poderdes, e dos temporaes que comumente mais correem.

Item: asy na terra de sam lourenço como em todas as ilhas em que fordes, e asy em mallaca, vos trabalhay de saberdes se ha cidades e pouorações grandes e de que pouoo, e se sam allgumas cerquadas, e se teem fortallezas, ou o modo de que a terra he pouorada.

[...]

Item: olharees principallmente em todollos lugares se ha hy desposysam pera fazer fortallezas junto do mar, olhando por porto pera os nauios especiallmente pera de inverno podereem estar. Sytyo pera as fortallezas, que sera forte e tenha augua e llenha que se lhe nam possa tolher, e que seja lugar sadyo, e toda a outra cousa que se requiere pera asemto seguro e comvinhauell da fortalleza

[...]

Item: vos emcomendamos e mandamos que em todas as partes omde chegardes naam façaees dano neem maal algum, antes todos de vos recebam homra, e favor, e guasalhado, e boom trauto, porque asy compre nestes começos por noso seruiço. E aimda que pella ventura comtra vos se cometa allguma cousa, desymulallo-ees o melhor que poderdes, mostrando que, aimda que teuseis cauza e rezam pera fazerdes dano, o lleixaes de fazer por asy vos ser mandado por nos, e nam querdes senam paz e amizade, pero o armando sobre vos, ou vos fazendo allgum emgano tall que vos parecese que vos queriam desarmar, emtam farees a quem isto vos cometese todo o dano e mall que podeseis, e em outro caso nam farees nenhuma guerra nem mall; e, porque mais segures as gentes dos lugares omde fordes e esteuerdes, trabalharees por vos fazer hir aos nauios, e nelles hos comvidardes e lhe dardes das

cousas que leuaees pera dar, e em tudo os trautardes ho melhor que se posa fazer, e em tal maneira que todos posam ser de vos e de voso boom gasalhado comtentes, e deem em toda parte noua do boom gasalhado comtentes, e deem em toda parte noua do boom trauto e homra que de vos recebem, porque neste começo nas terras semelhantes relleua muyto a noso seruiço fazerse asy, e portanto muito em especiall vollo emcomendamos e mandamos pera o quando asy a geente for aos nauios teres tall resguardo que nam entre tanta que pareça maaõ recado, mais sempre o fazer em tall modo que sejaees seguros delles pera vos nam cometerem emgano allgum, e disto sede muito avissados.

Item: vos deffendemos e mandamos que em todo o caminho que fezerdes nam façaees no mar neem na terra nenhuma tomadia, porque asy o aveemos por noso seruiço, salluo armando sobre vos, porque em tall casso farees a guerra que poderdes, e, quamdo por este casso ho ouueseis de fazer, farees asemtar a todos hos espriuaees de vosa armada como pera a dita causa ho fazees, pera por todos os asemtos vermos como compristes e gardastes noso mandado.

[...]

XII

Carta de D. Manuel I às vilas e cidades do Reino anunciando as novas da Índia, incluindo o potencial económico da Ilha de São Lourenço (extrato)

Alcochete, 19.06.1508

**Arquivo Distrital de Évora, *Fundo da Câmara de Évora*,
Códice 74, fól. 116**

Publicação: “Novas da Índia em 1508”, in *A Cidade de Évora: Boletim Cultural da Câmara Municipal de Évora*, I Série, N.º 31-32, 1953, p. 135

Juiz Vereadores e procurador fidaldos cavaleiros escudeiros e homens boões e povo nos El Rey vos enviamos muyto saudar polla vinda da armada em que foi por capitam móor tristam da cunha fidallgo da nossa cassa e do meu consselho ho qual no anno passado de quinhentos e seys envyamos a Índia. E assy a fazer alguuãs cousas de nosso serviço da banda detheopia e boca do maar Roixo soubemos tam bem todas as cousas nosas naquellas partes ficavam louvores a nosso Senñor E assy como delle tristam da cunha e dos criados nosos e geentes que com elle enviaramos nesta viagem fomos servido E por que ellas todas sam cousas pera nosos Reynos e todos nosos naturaees tomareem muito prazer e allegrya e contentamêto por serem tam grandes começos de muito acrecêntamento da nosa santa fee e assy de muyto acrecentamento domrra de nossos Regnnos e Senhorios pollo que nos mais gosto levamos de nesta empreza trabalhar que por outro alguũ respeito posto que os proveitos da fazenda nella sejam muy grandes E por ellas serem desta callidade e avermos por çerto que pera vos seram de tanto prazer como he rezam vallas quissemos noteficar e assy porque posaees

ver lououres muitos sejam dados a nosso Senhor como o muito trabalho noso de grandes occupaões e muytas e muy grandes despesas que teemos feitas e fazemos na conquista navegaçam da India e daquellas partes oryentaes e os trabalhos daquelles que nyso nos servem teem ja dado e dão fruyto de çento por huũ E pois en tam breve tempo o teem dado cemtanario esperamos em noso Sennõr segundo custume de sua misiricordia e da grandeza e llargueza das suas merçees de que nos e nosos Reynos beem podemos testemunhar muy cedo sera mylesimo o fruyto que sse recolhera E assy por noso Sennor sempre ajudar por sua devynall clemência os cuidados e trabalhos que em seu serviço se empregam

[...]

Item Na terra e Ilha de sam Lourenço que o dito tristam da cunha foy ver quando llogo de ca foy, e onde fez grande estrago nos mouros a quall Ilha he a que achou affomso dalbuquerque se acha muito gemgivre. E se afirma que desta Ilha say todo o cravo esta Ilha estaa nas paragens da myna de Çufalla e assy mesmo sse afirma aver estas especiarias em outras muytas Ilhas darredor desta a quall cousa destas especiarias que asy somos certificado aver nesta Ilha he muy grãde e de muita istima nam ssomtes polla muita vallia de especiarya e muita soma que dellas se podem tirar e despende pollo meudo asy como he o gemgivre mais por serem em parajem que parece que o caminho dyda e vinda se pode fazer em mais curto tempo que ho da India.

[...]

XIII

Carta de D. Manuel I a D. Diogo de Sousa, arcebispo de Braga, comunicando-lhe as novas da Índia, incluindo o potencial económico da Ilha de São Lourenço (extrato)

Alcochete, 19.06.1508

Biblioteca da Ajuda, 51-VII-6, fól. 4

Publicação: Raimundo A. de Bulhão Pato (Dir.), *Cartas de Affonso de Albuquerque seguidas de documentos que as elucidam*, Tomo II, Lisboa, Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1898, p. 419-426

[...]

Item: na terra e ilha de sam lourenço que o dito tristam da cunha foy ver quando llogo de ca foy, e onde fez gramde estraguo nos mouros, a quall ilha he a que achou affomso dalboquerque, se acha muito gengiure, e se afirma que desta ilha say todo o crauo; esta ylha estaa nas parajees da myna de çufalla, e asy mesmo se afirma auer estas especiaryas em outras muytas ilhas daredor desta, a quall cousa destas especiaryas que asy somos certeficados aver nesta ilha he muy grande e de muyta ystima, naam somemtes polla muyta vallia da especiarya, e muyta soma dellas se podem tirar e despender pollo mundo asy como he o gengiure, mas por serem em parajem que parece que ho caminho dida e vimda se pode fazer em mais curto tempo que ho da Imdia.

[...]

E porque em todas estas cousas recebemos de nosso senhor deus tamta merce e de nosos Reynos se consegue tam gramde llouuor e fama, e cada dia esperamos que mais nellas mesmas nos dee seu fauor e ajuda, vos encomendamos e mandamos que nessa cidade façais huma procissam solene, ajuntandouos com ho pouo della, e o mais devotamente

que ser possa se deem graças e llouuores a nosso senhor por tam grandes merces e beneficios como nestas cousas nos faz, e a nosos Reynos, pedindo lhe que pois as cousas destas partes da India em nosas mãos lhe aprouue poeer, as fauoreça, comserue, ajude por tall que dellas se syga tanto llouuor e acrecentamento da Rellegiam christã e de sua santa fee catollica como nos desejamos

[...]

XIV

Carta de Diogo Lopes de Sequeira a Jorge de Aguiar sobre a Ilha de São Lourenço

Ilha de São Lourenço, 19.08.1508

Torre do Tombo, *Cartas dos Vice-Reis da Índia*, n.º 57

Publicação: Ronald Bishop Smith, *Diogo Lopes de Sequeira*, Lisboa, Silvas Lda, 1975, p. 33-34

Senhor – Depois de ser partido de duarte de lemos como ele tera dado conta a vosa merce hũa noite vym eu a ver esta jlha de sam llourenço trynta ou quarêta llegeas a sotauento do cabo de santa maria da bãda daloeste e hindo corendo a costa pera ho cabo e conprindo o Regimêto delRey segundo sua ordenança topey com Tristam da [silva] e trazia dous negros que tomara na quaes me deu e muitas novas dela que eu jaa sabia e outras depois de chegar ao cabo a fazer o que elRey manda nesta cabo achey muito roim tera sem agoa e cõ jente braua sem nenhuã cousa boa e pasado este cabo trinta legoas a entrada de hũas seras comecey loguo a ver fogos e grande(s) synaes de pouoações e llancamos barquas fora veio ter a mym hũa allmadia ã que vinha hu cristão que fycara nesta jlha do tempo que tristã da cunha veio a ellaa da nao godia ã que vinha por capitam joão gomez dabreu cõ ho quall cristam vierã quatro filhos do Rey cõ ele a hũa jlha onde fuj fallar com eles o que soube deles e do cristã e jsto que se segue / este Reyno se chama turubaia no quall he feito hũa casa muito antiga de pedra e call ão avendo outra na tera ão aver quem na sayba fazer e esta ã hũa jlha dentro no sertam que faz hu Rio os quaes mesmo omẽs de turubaya sam mays brancos que de toda a terra e as molheres sam muito brancas

e dizẽ que vierã doutra tera pouoar aly e ficarã desta casta na quall tera a hy lyuros mouryscos ãlumynados douro e nã (a) hy quẽ nos sayba ller e tambem hu lyuro grande de tombo de totalas cousas que pode aver e de quem pouou ysto do quall eu nõ soube senã depois de partido e algũas porçolanas que ficarã do mesmo tenpo e quatro ou cynquo fios dalgoufar que fycarã do mesmo tenpo e crem ã mafomede e a sua crenca he tam pouca que me parece que com quallquer benefyçio outro os **converteriam** a fee de cristo sam omẽs de boas condicões nã tẽ senã hũa molher e erdam os filhos // fuj Reçebidos (sic) deles aly onde me vyram e Reçebido como se fora seu senhor deles

as cousas que ha ne[ste Reino per]a Resgatar sam estas prata pouca a quall nã he naturall da tera vem doutra jente que vẽ aly dar por vaquas e asy ouro pouco como de frolym e muita çera ho jẽJyure que a neste reino nõ he majs que pera comerem este Reyno sera de vinte legoas per costa tem mujtos panos dalgodam e por este omẽ que me veo soube çerto que nã a y nenhuũ crauo mao nẽ bom nẽ beijoym que os negros diserã que avia nã he nada ã tres Reinos que tem andado e ã outro Reino que esta adiante deste que he onde tristã da cunha tomou os negros que mãdou a portugall a soma dele e sãdo perto dele torney com tenpo a este cabo onde achey esta naao e este tenpo cõ que cory foy o mor que vy nesta viagem e ã tornãdo fazer mjnha via topey com ella eu espero em noso senhor ser muito çedo com vosa merce nesa tera eu deus seja louuado vou ã boa desposysã de mjnha saude e se nã for busar (sic) santo ofemea e outros dous cristaos que estam nesta jlha llogo dera a longa/ beijo as maos senhor a vosa merce desta jlha de sã lhourẽço a xix dagosto/ a nesta tera muito aRoz e muito jergelym e muitas vaquas e sseu vestido he dos mesmo[s] panos dalgodam que a na tera estas nouas dou a vosa merce e as majs eu as hirey dar prazendo a nosso senhor a uoso servyco

Diogo Lopez de syqueira

ao muito manyfico senhor o senhor Jorge dagiar capitã moor darrabia e
persya

¹⁰ de djogo lopez de sequeira

¹⁰ Da mão do secretário António Carneiro.

XV

Carta de Duarte de Lemos a El-Rei D. Manuel contando-lhe a sua viagem desde a ilha da Madeira, e a dos outros navios com que saiu de Portugal, pertencentes todos à armada de Jorge de Aguiar, da qual depois se separou, até chegar a Moçambique, e dando-lhe várias notícias desta terra, da construção da sua fortaleza, e das ilhas que descobriram (extrato)

Ilha de Moçambique, 30.09.1508

Torre do Tombo, *Corpo Cronológico*, Parte I, Maço 7, Doc. 47, fól. 6v.^o-11v.^o¹¹

Publicação: A. da Silva Rego (Dir.), *Documentos sobre os portugueses em Moçambique e na África Central: 1497-1840*, vol. II (1507-1510), Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1962, p. 286-298

[...]

Ao entrar deste porto entrou Botafogo diante e a Carvalha que vinha logo atras varou em sequo ha quall socoremos muito rigamente com bates dos navios e asy com a barqua que aqui tem Duarte de Melo. Elle acudio e com escoras e outros remedios depoy de ser agoaa chea antes de mea noyte saio a nao a sallvamento o quall pareceo a estes pilotos que pella muyta presteza he diligencya com que foy socorida se nam çoçobrou a quall nao e asy Botafogo ambas yuntas partiram caminho da Ymdya a vymte e seys dias d'Agosto as quaes naos eu dise pello parecer de todos que se deviam hir por ser tarde pera atravessar

¹¹ Consultámos o original e apresentamos, em negrito, as variantes que lemos de forma diferente.

as quaes nam fizeram aqui mays detemça que tomar agoaa e partir. Depoys de serem partidas chegou aqui Samta Marta so ao primeiro de Setembro. Todos cuidamos que era o capitam mor e fomos em bates estar no porto e a receber la. Pergu[n]tei lhe omde se perdera do capitam mor. Dise me que se perdera aquella noite depoys de me eu perder de Yorje d'Aguiar e que se perdera desta maneira.

Que elle e Yoham Colaço eram com ha capitaina aquella noite que me eu delles apartara e que com a grande ceraçam do tempo elle perdera vista do foroll bem dous quartos da noite e que depois tornara aver vista delle e sig[u]ymdo o se hachara em amanhecendo com o goroupez em terra em huma ylha e que achara a nao Yndia cuyu foroll syg[u]ira crendo que erra Yorje d'Aguiar e que lhe disera que por se perder da companhia fezera foroll de noite ao quall o dyto Alvaro Bareto acudira como ya dise a Vossa Alteza as quaees naos outra nenhuma nova nam sabiam de Yorje d'Aguiar, e logo se apartaram huma da outra, e cada huma fez seu camynho. Alvaro Bareto foy ter a Ilha de Sam Lorenzo, e asy todas as naaos da frota de Yorje d'Aguiar, senam a minha.

[...] / [fól. 11v.^o] [...]

Item, por me parecer pouquo serviço de Deus e voso envernarem aqui estes navios e pellos muitos **[dia]**s de viagem que sam pasados depois que aqui estou nos quaes quallquer nao que tevera dobrado o cabo podera ser nam diguo aqui mas na India detriminey com conselho destes capitães que aqui estam hiir avante toquando Quiloa e Milimdi e asy Çoquotorra ver se ho capitam mor he pasado o quall pode ser pella outra bamda da Ilha de Sam Lourenço omde algumas naos desta frota foram ter com as corentes porque se nam dobrou o cabo nam pasara este ano e se he avante la o toparei e tambem Senhor fiz este fundamento por ter sabido que Çoquotorra he muyto doentio e pode dom Afonso ter necacidade de gemte e doutras cousas e que he bem que se hacuda.

[...]

XVI

Livro de Duarte Barbosa (extrato)

Ms. A: Biblioteca Nacional de Portugal, *Fundo Geral*, Cód. 11008

Publicação: M. A. da Veiga e Sousa (ed.), *O Livro de Duarte Barbosa*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica e Tropical, vol. I, Lisboa, 1996, p. 77-79

[...]

Ao mar destes lugares sobreditos, em leste, está a grande e fermosa ilha de S. Lourenço.

É povoada de gentios pelo sertão e, pelos portos de mar, tem alguns lugares de mouros.

Esta ilha tem muitos reis, assi mouros como gentios.

Tem muitas canas de açúcar e muito viçosas, muitos gados, ao modo nosso, em quantidade (os bois teem antre as mãos no lombo [...] de dois qui[n]taes, algũas de peso de carne do peito, muito arroz, milho, [...] figos e todos os matos povoados de laranjas de todas sortes muito [...], porcos monteses e outros muitos [...]).

Ha nesta terra muito gingivre de que se não servem senão em verde.

São homens que andam nus, soamente cobrem suas naturas com panos d'algodão.

Não teem navegação pera nhũa parte.

Teem almadias de que se servem em ir a pescar ao longo da sua costa.

São baços.

Teem lingua sobre si.

Teem muitas vezes guerra uns com os outros; suas armas são aza-gaias muito sotiis com ferros bem obrados; trás cada um muitas delas

na mão com que d'aremessos ferem. São muito ligeiros e manhosos no arremessar.

Ha antre eles, prata baxa.

Seu principal mantimento é inhames.

É terra mui freiosa e viçosa de mui grandes rios.

Tem esta ilha de norte sul trezentas legoas e de leste a oeste cem legoas.

O cabo desta ilha, da banda do sol está em 24 graos e da banda do norte em 11 graos.

[...]

XVII

Livro de Duarte Barbosa (extrato)

Ms. B: Torre do Tombo, *Manuscritos do Brasil*, 25, p. 5-10¹²

Publicação: M. A. da Veiga e Sousa (ed.), *O Livro de Duarte Barbosa*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica e Tropical, vol. I, Lisboa, 1996, p. 235-241

atraves de todos estes lugares ao mar delles esta hũa muito grande Jlha a que ch[amam] de Sam Lourenço ha quall he pa-uuada de 4 Reys .s. 2 delles caferes muito negros e sam mo[uros] e hos outros 2 sam homeens brancos e baços e sam delles mouros e outros gemyos¹³

Um se chama rei de Matatava e outro rei de Turubaja.

Haverá de um rio ao ou[tro] 40 ou 45 legoas.

Os reis daquela ilha não teem o nome salvo dos rei[nos] principaes daquela terra de que são reis.

Estes dois reis tem eles por memoria [que] são naturaes de Cambaia, porque em este Turubaja ha i ãas tres ou quatro ilhas que [são] todas pedra viva, e dentro dela ha i um porto a que nós posemos ilhas d[e Santa] Crara, e eu envernei ali com Diogo Lopez de Siqueira indo a destruir Malaca.

E em [este] porto ha i tanta bruma, que são bichos que se criam n'agoa, que comem as [naos] que ali envernam.

¹² Consultámos o original e apresentamos, em negrito, as variantes que lemos de forma diferente.

¹³ Inserimos a negrito este parágrafo que Maria Augusta da Veiga e Sousa não publicou, bem como a negrito assinalamos as letras e palavras que conseguimos ler ou inferir e que também não foram publicadas.

E dizem estes dois reis que vindo de Cambaia duas naos pera [Me]-linde, correram tanta fortuna que arribaram ali com as dictas naos àquele [porto] e, por ser a monção já passada, lhes foi força ali envernar, e que estando envernan[do]o dicto bicho lhes comeo tanto as naos que se iam ao fundo.

E, quando se vi[ram] perdidos, deram com elas a terra e ali fizeram ãa casa, a qual eu vi, ao mode de Portugal, posto que ja estava caida.

E os dictos nos amostraram dois livros grandes que dezia o dicto rei que haviam ficado daqueles dois ca[pitães] daquelas naos, os quaes foram os pavoadores daquela **par[te] da [terra]**.

A qual dicta terra é muito melhor que não a que pessoí[a]m antes [?]¹⁴ [.....] **uam** sua parte hajam muito bons portos como o de São Sabastião [e **o de Santa**] Ilena e outros adonde eu estive.

Os nossos escravos q[ue **viram o livro**] dezião, posto que não sabiam ler, a tal letra [**lhes parecia que deveria de**] ser Alcorão.

Eles todavia são todos san[.....] que nós vinhamos que nos vinham[os [**sic**] **e nos**] fizeram muito boa compan[hia] de oito ou nove portug[ueses] **naueg]**ando à vela com pouco vento defronte do rio de Matata[**va**] acharam [**uns pescadore**]s fora ao mar, os quaes andam em ãa grã ja[n]gada de dois paos, um nom [.....] **os** e por a nao vir mais a terra do que eles and[**a**]vam se renderam e vieram [.....] como homens que mais não podiam fazer.

E chegados que foram à dicta [**terra ...**] lhe deram um cabo, e fazendo ja então mais calma do que primo fizera, esta[**va**]m a bordo e mostravam o pescado e não o queriam dar na nao té não ver porque o haviam de dar.

E o mestre da nao, visto que eles tardavam com o dicto pescado, [**se**] lançou na dicta jangada, e eles havendo medo que os queriam tomar alargaram [o] cabo e o mestre se achou metido n'agoa por os paos se

¹⁴ Temos dúvidas que seja esta a correcta leitura feita pela autora. Talvez fosse mais correcto: “hou cos[...]”.

baxarem com o peso, e não se ousou bulir e deu muitos brados ao capitão dizendo: Senhor valei-me!

E o [dicto] capitão, visto que o levavam para terra, mandou amainar as velas e sor[g]ir porque estavam em fundo pera isso, e mandou com muita pressa lançar o batel [a ter]ra e com muitas bestas e espingardas esquiparam o dicto batel e o capitão com eles [se] foi a terra direito a boca do dicto rio por donde viram levar ao dicto mestre

Eles en[tr]ando per o dicto rio viram vir o dicto mestre em ãa grande almadia e com homens [da] terra com ele, e trazia muitas frutas e carneiros, ãa vaca e muitas laranjas doces e agras [e] outras frutas que há i em a terra

E visto o capitão assi o mestre houve muito prazer e se quisera [tor]nar à nao e o mestre lhe pedio por muitas vezes que tal não fizesse sem ir falar [ao] rei e a suas molheres e filhas de quem havia recebido muitas mercês e gasalhado.

E o capitão, [con]vertido dos rogos do mestre e de todos os que consigo levava no batel, se foi por o rio arriba donde o mestre havia embarcado e ali desembarcou e foi pera donde el-rei estava, que é ãa povoação ao longo do rio, grande, adonde eu ja estive, [q]ue se chama Matatava, e ali esteve com el-rei tanto que se fez noite.

E quando foi a maré cheia, que quiseram sair do dicto rio, ventava muito vento travessia na costa, o qual logo tapou a barra do dicto rio.

E os da nao não eram muitos nem menos sabidos por estar o capitão, mestre [e] piloto fora dela, lhe quebrou [a ama]arra e lançaram outra com que estiveram té que foi dia craro, ali fazendo [mui]tos sinaes de fogo e asi de artelheria se fez à vela havendo já os da terra tirado o [b]atel do rio e levado à costa do mar, e lançando ao mar se lhe alagou.

En[f]im que ficaram em terra 58 ou 60 homens e a nao desapareceo e se foi perder no cabo de Gardafue que é na entrada do estreito de Meca.

Estes homens [fi]caram ali e enterraram o batel na areia porque o sol não lho esvaisse.

Logo, dentro em poucos dias que ali estiveram fazendo-lhe el-rei muitas honras, [ve]jo um mensageiro do rei cafre que era vizinho deste

rei que lhe mandasse o tributo [que] lhe devia, asi como era obrigado a fazer, do que el-rei foi muito torvado.

E isto se [passou] ao tempo que o capitão portugues estava com el-rei, e já então havia alguns [homens de] bom ingenio que sabiam algũa cousa da fala, e o capitão fez vir [**aquelle** que] **milhor** deles falava e lhe dixe perguntasse a el-rei que lhe havia dito [o dicto mensag]eiro que tanto o havia torvado.

Responde-lhe el-rei que ao outro [.....] el-rei seu visinho tantos mil touros e outros tantos [.....] vac]as que lhe era obrigado pagar e que o tal [.....] como estavam.

E o capitão lhe fez dizer que em [.....] Portug]al que os taes não pagavam tributo a nenhum rei mouro, que pois eles alestavam e ele era tão [amigo] del-rei de Portugal e lhes afezera té aquela hora tantas mercês, que não lhe pa[**gasse**] e não tão soamente lhe pagar, salvo lhe mandasse pedir todo o que té ali [lhe **fora**] dado, e que, não lho tornando, o mandasse desafiar, e que ele, com ajuda de Deos, [me]teria o outro debaxo de seu dominio.

O qual, crendo muito nos dictos portugueses, fez [**assim**] como o capitão lhe dixe e, em poucos dias que passaram, foi por o cafre mand[ado] o desafio ao dicto rei pera se darem à batalha em um rio que partia os dictos reinos.

E quando el-rei de Matatava vio o desafio temeo muito porque ele[s] haviam grande m[e]do aos cafres por serem muito milhores frescheiros que eles.

E visto o capitão que el-rei temia tanto o esforçou e à causa el-rei apressou a dicta batalha.

Vindo o tempo pera se haver de dar, o dicto rei se fez prestes, e os portugueses, muito bem armados, como eles haviam saidos da nao, porque havia pouco tempo que ali eram, foram com el-rei, o qual os levava na cabeça.

Chegaram ao rio tres dias antes que fosse a batalha e já ali da outra parte estava o rei cafre.

Logo começaram os recados e o dicto [rei] de Matatava esteve muitas vezes pera se render e lhe dar seu trebuto e nunca o capitão quis.

O dia da batalha saíram obra de 1 500 homens de ãa parte, e [da] outra outros tantos.

E tendo o rio no meio fizeram muitas algazarras e saltos e brados, e asi todos os do arraial como lhes davam coração.

E depois de andar naquilo obra de duas horas, com as azagaias na mão e out[ros] com seus arcos e frechas, que todo teem bom, se começaram a tirar e t[odo] o tirar supõe outras duas horas sobreveio a noite e ceçou.

Foi um de ãa parte a ou[tra] a escrever os feridos e outro tanto fizeram da outra parte.

Isto se fez assi tres [dias]; ao cabo deles se fez o alardo dos feridos e acharam [que] o dicto rei de Matatava tin[ha] maior dano.

E logo se deu por vencido e quisera pagar o velho trebuto e o [ca]fre rei não quis, salvo muito mais, dizendo que desobedecera, e ele vendo isto c[ome]çou de chorar e suas molheres e todos os outros.

E os portugueses, que estava[m] esperando pera pelejar prestes, quando viram tamanho choro perguntaram que [era] aquilo.

Eles lhe contaram em como eram despachados da batalha.

Visto o ca[pitão] isto se foi a el-rei e el-rei lhe dixe o mesmo.

Então o capitão lhe dixe: [se a]gora tu e os teus haveis pelejado, agora pelejará nosso Deos e nós outros.

E então fez ãa fala aos seus e lhes trouxe á memoria a mercê que No[sso] Senhor lhes havia feito [de] os trazer ali pera morrerem por sua Fe e não antre sal[val]jes, como eles por seus pecados estavam, e que lhes rogava que agora se lem[bras]sem quel eles eram.

E todos, a ãa voz, dixeram: morrer pelejando e não assi co[mo] andavam.

Então o capitão fez o Sinal da Cruz e entrou no rio que era muito fundo.

Ao tempo el-rei e todas suas molheres e filhos e filhas lhe v[ieram] ro]gar que não fossem a morrer.

Os da outra parte estavam descudados [e como] a seu uso não havia mais que fazer que assentar o partido do [.], quando viram passar os portugueses, que eles não tinham en[.], tomar armas e já os portugueses eram fora do rio [.] no meio deles, chamando por San[tiago e] mataram muitos e [.] o que faziam os portug[ueses] nas choupana[s del]-rei.

[.] [.] **de** [...] **e** já quando foi fora do rio el-rei cafre e todos os seus eram postos em fo[gida e] ali haviam lexado todo seu fato e os portugueses os seguiram e o rei [**de** Mata]tava ia após os portugueses.

Foram bem seis ou sete dias em alcanço e [.] meio do reino o cafre pedio mercê e se fizeram as pazes com o cafre.

Logo [...] o primo ano do tributo ao de Matatava e se vieram e ficou como té agora [...] senhor do cafre.

Este capitão, como de la veio, morreo logo de doença e descontenta[mento] de se ver assi perdido, e asi morreram outros muitos; outros que ficaram estiveram ali dois ou tres anos.

E, visto que não passavam por ali naos em que podesem dali sair, detreminaram passar a Moçambique que ha i 10 legoas de travessa; fizeram uuns talabordões no batel e de canas, que ali ha e que são muito grossas como ã pessoa de 10 anos pode ser ou mais, furaram pera levar agoa, e tomaram arroz e galinhas e carneiros secos ao sol e gengivre, que ha i muito na terra, e se fizeram prestes.

E, ao tempo que queriam partir, porque eram muitos, mandaram estes que ali achamos que fossem uns a Turubaja e outros por o sertão, e como estes eram os mais moços, e os mais deles grometes, que eram sogeitos aos outros, posto que receavam que se iriam lhe foi força irem.

E os que ficaram se meteram no batel e, ao longo da costa, se foram té que estiveram defronte de Moçambiqui donde muitas vezes na costa tomaram agoa e man[timen]to por força, donde lhes mataram e feriam alguns.

Cometida a travessia lhe faltou o bom tempo com que cometeram e, andando ja muitos perdidos no meio da travessa, trouxe Deos por ali

ũa caravela que vinha de Çofala e os tomou, donde ja algũs deles não viam dos olhos e outros morreram.

Passado outro tempo muito que estes [a]ndavam no reino de Mata-tava os que foram a Turubaja souberam como [p]ola banda de fora da ilha via alguns anos vista de naos de Portugal se vi[e]ram ali ao cabo de santa Maria dezendo: se vier nao aqui tem de vir de[m]andar, e Deos que os quis guiar no mesmo tempo que ali vieram fomos [nós] na costa e, como ela não era navegada, de dia vinhamos o mais [junto] de terra que podiamos e de noite ao mar.

ũa tarde vimos correr por a terra e não podiamos defrençar se capeavam, e quando viram que nós iamos ao mar nos fizeram tres ou quatro fogos aquela noite.

Nos deu tempo Nosso Senhor com que per a menhã eramos tanto avante como o dicto cabo de Santa Maria.

Quando eles, pola menhã, viram que as naos não pareciam foram a pressa ao rei de Turubaja a lhe pedir lhe provessem de algũa almadia [...] outra banda do cabo.

El-rei lhe deu tres filhos seus e muita gente pera que com eles viessem [...] ilhas de Turubaja, e ali em ũa delas vivem pescadores e esta está muito perto de terra, [onde] estiveram té outro dia pola menhã que nós parecemos.

E, porque tra[ziamos] muita necessidade de agoa, não nos alargavamos da terra, e indo [...] legoas da terra vimos vir almadia com ũa camisa ou pano nam [...] v]endo que era o batel de Sant[’Ofemeja?] que de nossa companhia era perdida [...] do cabo Talhado.

Fomos guinando pera a terra e, sendo mais perto, [...] vimos a alm]adia e não batel que assi mesmo nos deu prazer e [...] esto estando nos [...] da veio pola popa da nao e [...] companhia que nos fez assi muito [...] m]altratados.

Diziam: Senhor capitão [senh]or por amor e paxão de Jesus Cristo nos tomai.

Logo com grande [.] foram as velas tomadas e as gentes da nao, de prazer, choravam todos.

Cheg[aram os da] dicta almadia a bordo e eles, vendo-se na nao, poseram os joelhos nela e, com [as] mãos e olhos alçados, davam muitas graças a Nosso Senhor.

Foi tanto o prazer n[eles] que ficaram atonitos que nenhũa razão davam salvo todo era dezer si[. . .].

Visto o capitão Diogo Lopez de Siqueira isto e taes homens na dicta almadia **[se] apartou** com João Viegas, meu irmão e dali logo mandou lançar ancora e assi fizeram as outras naos.

Lançaram o batel fora e meu irmão tomou dos da terra que vieram na almadia e se foi a terra, [e na] almadia foram nela metidos portugueses a bordo nela porque eles não fogissem.

Os filhos del-rei fez-lhes logo [n]a nao, mal foram lancados, em huũa cama debaxo do capiteo depois de haverem comido do que nós lhe davamos. Asi faziam todos os outros.

A cabo de poucas horas tornou o batel da nao com duas ou tres vacas, muitas laranjas doces e agras, cidras, azambras e limões franceses e del-rei doces, e outras muitas frutas que o dicto rei lhe mandou dar, que ali estava quando soube que as nossas naos eram tão perto da terra.

Saío o capitão-mor, com todos os outros capitães e outros muitos homens de bem e assi bem ataviados, em terra, e todos d'armas secretas, e se vio com el-rei e a ele e a suas molheres e filhas deu muitas dadivas, e se tornou à não.

E ficámos em terra com o dicto meu irmão, que tinha ó mando alguns homens, pera que co[mo] os capitães fossem nas naos os batés tornassem pera tomar agoa que havia ali, a Deos mercês, assaz.

Enfim, que estando em terra tres dias, que não faziam senão tomar agoa e levar às naos vacas e carneiros que el-rei dava, ùa tarde se levan[tou] um vento travessia e às naos lhes faltaram as amarras e se fizeram à vela e [se] foram ao cabo de Santa Maria.

E estivemos ali cinco ou seis dias sem elas, e os da terra [se] amotinaram contra nós outros, dizendo que haviam visto um da nossa compan[h]ia e q[ue] não era cerconcizado.

A cabo de tempo trouxe-as Deos e fomos bons amigos com os da terra dezendo-lhes como eramos cristãos e portugueses.

E, estando ali, tornou a vir ou[tro] tempo travessia, e tanto, que as naos não se atreveram dobrar a terra pera nenhum[a] parte.

E por nós já termos sondado dentro das ilhas e assi sabido por donde nel[as] se havia de entrar, as quaes eram as que atrás digo que estiveram as **duas naos** por donde se pavoou destes a terra e entraram ali donde envernamos, e por[que] na terra havia muito gengivre e não havia barro pera o curar, fui eu em terra com os filhos deste rei e com muita gente por vezes tres ou quatro jornadas a o buscar por a terra de[ntro], e outra vez fui mandado dali té Matatava por terra, isto porque era o mais mo[ço] que havia na frota.

A terra é de 350 legoas ou pouco menos de longo, [e] mais de 40 em largo no mais estreito.

Tem muitos rios da banda do cabo [da] Boa Esperança.

É ma terra e tem muito grandes arvores e tem os mores morcegos que nunca tenho visto.

[...]

XVIII

Livro de pagamentos do Capitão-Mor Duarte de Lemos (extrato)**Ormuz, 12.10.1509****Torre do Tombo, *Núcleo Antigo*, 703**

[fól. 5]

liuro dos paguamemtos que duarte de lemos capitam Mor desta quosta d arabia persia por el Rey nosso Senhor mamdou ffazer em armuz aos capitaes e cryados do dito Senhor e a todallas outras pesoas que com elle amdam,. nest armada, per gomez de ffigueyredo ffeitor e Recebedor do dinheiro e cousas da dta [sic] e per mjm esteuam de ffreitas estpriuam das presas e da Recepta e despesa da dita armada asy e pella maneira que nos asentos de cada huum he comteudo, ao qual pagamento o dito capitam Mor ffoy presente, a todo ho dicto pagamento ... o qual pagamento se ffez pello cadernno em que vem o trellado dos dos [sic] ssoldos que cada huum tem e pagamentos que d amteMao se lhe ffez na cassa das Jmdias, em lixbõa ... no dito armuz a doze dias do mes d utubrrro de mill e b^c ix anos

[...] / [fól. 104v.^o] [...]

¹⁵ item pagou o dicto ffeitor a bertalameu Rodriguez calafate¹⁶ que de portugall veo com vasco gomez d abell [sic] no naujo sam Romão, e per mandado do capitam mor entrou em lugar de Rodrygu yanes porto que vay no dicto naujo aJuda e o mataram na Ilha de sam Louremço, quatro meses a Rezam de mill e setecentos e quatorze reaes por mes, em que momtou sejs mill e oitocentos e cinquenta e sejs reaes, per vymte e hum xerifim e meo menos vymte e quatro reaes, a Rezam de

¹⁵ À margem: “comcertada”; “vay no caderno va requerer a casa das Indias”.

¹⁶ Riscado: “quat”.

iiij^c xx reaes o xerefim o qual asynou aquy ... <nam asynou por ter asynado em hum quaderno per onde se lamcou aquy> – bj [mil] biiij^c lbj reaes

[...] / [fól. 111] [...]

bombardeiros do dicto naujo aJuda

¹⁷item pagou o dicto ffeitor a Joham de laguos comdestabre do dicto naujo aJuda que hy [sic] pera portugall e o capitam mor o tomou por ser serujco d el Rej noso Senhor e o mamdou serujr de comdestabre no dicto naujo e lhe deu hum aluara seu do dito officio e lhe pos tanto quanto trazia o comdestabre que vynha de portugall no dicto naujo que mataram na Ilha de sam Louremço quatro meses a Rezam de dous mill e sejscentos e trinta reaes por mes, em que momtou dez mill e qujnhentos e vynte reaes, per trinta e tres xerefis menos quorenta reaes, a Rezam de iiij^c xx reaes o xerefim o qual asyno aquy · nam asynou por ter asynado em hum quaderno per onde se aquy lamcou., x [mil] b^c xx reaes

[...]

¹⁷ À margem: “comcertada”; “vay no caderno va requerer a casa das Indias”.

XIX

Carta de Jorge de Vasconcelos a D. Manuel I sobre as possibilidades de negócio do gengibre na ilha de São Lourenço

Lisboa, 18.02.1510

Torre do Tombo, *Corpo Cronológico*, Parte I, Maço 8, Doc. 85

Senhor

voss alteza m espreeuo que queria emuiar Jam sserao Em dous nauios s. huum Seu e outro d armadores a terra de sam louremço e Jlhas do comoro pera ssaber Se ha naquela parte gimgiure E avemdo ho ahy amdar no trato dele daly pera moçambique ate veer Seu Recado,, E porque lhe era dito que pero Correa tinha aquy huum Nauio Seu bom pera este negoçoẽo lhe sprevia ca huuma carta que ho quySesse dar E que lho mamdaria pagar,, a qual carta lh enuiey veeo aquy ffalar comiguo E Me dyse que este Nauio ele o mamdara fazer pera o trato da sua Jlha o qual tinha carreguado e prestes pera partyr ao primeiro tenpo que vyese que Receberja grande desavyamemto em lhe ser tomado,, E que acerca disto queria stprever a vos alteza pera lhe dizer a Neçesydade que dele tinha E dhy avamte fazer o que ouuese por bem,, E eu mamdey o dito nauio o qual esta de todo carreguado e prestes pera partir o qual seria trabalho Em Se descarregar E aquy nesta cidade poder se ha aver outro nauio pera este negoçoẽo tam bem E melhor,, porque esta quy no Rio de sacavem / [fól. 1 v.º] Segumdo Me dizem huum Nauio que Se fez No porto que hya pera rrodes que he de lxx ou lxxx toneladas E de sua ffeição e forteleza pode nysto bem servir o qual Se pode pera isso tomar Se vos alteza ouuer por bem,,

E quamto he Ao que voss alteza mamda que estes Nauios Se façam loguo prestes pera partirem com est armada que hora a d hir pera Jm-dea prazemdo a deus se dara nisso toda presa que Se poder dar tanto que hos nauios forem avidos mas a mym parece que Nam he poSyvel poderem Se fazer prestes em tam Pouquo tempo nem Se deue de fazer disso ffundamemto partimdo ha dit armada ao tenpo que quer,, E deuja de ser lembrado que has armadas que vam pera ymdea partem Sempre mais tarde por estas nouydades que Se nelas fazem poreu com tudo se dara niso aquela presa que ffor possyuel tanto que hos nauios forem avidos

stprita de lixbõa oJe xbiiij^o dyas de ffeureyro de 510

beyJo as mãos de voss alteza

a) JorJe Vasconcelos

XX

Carta de Lourenço Moreno a D. Manuel I (extrato)

Cochim, 30.11.1513

Torre do Tombo, *Corpo Cronológico*, Parte I, Maço 13, Doc. 113

Publicação: Raimundo A. de Bulhão Pato (Dir.), *Cartas de Affonso de Albuquerque seguidas de documentos que as elucidam*, Tomo III, Lisboa, Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1903, p. 387

[...]

Item – Nas naaos do anno pasado, foy bom quinhem de canella, e ora vay tambem nestas; e asy espero em deus que vay cad ano; e, sobre ysso, descamse vos alteza, que mor medo ey de me mamdardes dizer que nam mamde tamta, que de faleçer, como vos alteza fez do gemgiure, em que mamdaes que vos nam mamde, cad ano, mais de ij quintaes.

Parece me, senhor, que foy causa d isto parecer vos que ho podiees aver da jlha de sam Lourenço mais barato; e espamto me muyto diso, e muito mays de mamdardes hy fazer fortaleza por esse rrespeito; porque, com o que se nyssso despende, se comprara todo o gemgiure do mundo daquy a l annos, porque ho gemgiure de quaa he muyto mylhor que ho da jlha de sam Lourenço, e as naaos que vam a carga da pimenta nam torçem seu camynho por tomar o gemgiure, mas, amtes, de camynho o leuam; e se vos, senhor, diseram que hy avya prata, sabido estaa que he muyto pouca e rroy. Asy, senhor, que per nenhũa vya acho rrezam pera se hy fazer tanto gasto, saluante se he per as naaos, pera per y fazerem seu camynho e terem hy huũa escapulla pera tomarem mantimentos e agoa, como em mocambique

[...]

XXI

Carta de Álvaro Penteado a D. Manuel I sobre a evangelização da Ilha de São Lourenço

[1515-1518]

Torre do Tombo, *Cartas dos Vice-Reis da Índia*, N.º 164

Publicação: A. da Silva Rego (Dir.), *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente – Índia*, vol. III, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1950, p. 543-544

Christianisymo Rey,

Allvaro Penteado, sacerdote de misa, faço saber a Vosa Allteza em como eu vim em as naos com Joam Sarram que pera ilha de Sam Lourenço vinham, e não traziam sacerdote, e eu vim em ellas, sem solldo, por me parecer que a Deus em isto servia, e vieram ter a Indea, sendo Afonso de Albuquerque voso governador em Mallaqua, e vigairo-gerall em estas partes per Vosa Allteza Joham Fernandez, que Deus tem, e estando Goa cerquada, e nom temdo em ella mais de hum sacerdote, me mandou do modo e maneira que eu vinha de Purtugall que fose ajudar aquelle padre administrar os sacramentos, e estive tres annos em a dita cidade, como de mym, querendo Vosa Allteza disto pode saber per João Sarrão e Manoell de Lacerda, Pero Mazcarenhas, Diogo Fernandez, e asy doutros muitos que em ho çerquo se acharam.

[...]

XXII

**Livro da receita e despesa de Cristóvão Salema, feitor de Sofala.
Extrato da entrada referente aos itens recebidos por Cristóvão
Salema após a morte do feitor que lhe antecedeu, Diogo Dias
(extrato)**

Sofala, 26.08.1516

Torre do Tombo, *Núcleo Antigo*, 806, fól. 5v.^o

**Publicação: A. da Silva Rego (Dir.), *Documentos sobre os
portugueses em Moçambique e na África Central: 1497-1840*,
vol. IV (1515-1516), Lisboa, Centro de Estudos Históricos
Ultramarinos, 1965, p. 306-308**

[...]

E mais recebeo tres panos da Ilha de Sam Lourenço bordalengos
com bandas vermelhas sem taxa – 3 peças E mais recebeo dous panos
de pallma da Ilha de Sam Lourenço sem taxa – 2 peças

[...]

XXIII

Relatório de Veneza contendo informações náuticas e ultramarinas provenientes de Lisboa (extrato)

[Veneza, 1517]

Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze, *Magl. XIII, 80, fól. 131-140v.^o, 165-166*

Publicação: Francisco Leite de Faria e A. Teixeira da Mota, *Novidades náuticas e ultramarinas numa informação dada em Veneza em 1517, Lisboa, Junta Científica de Investigação do Ultramar, 1977, p. 23*

[...]

Dicono che essendo sorto una naue di portogalesi alla Insula di santo Laurentio dila dal Capo S. Vincenzo per meglio la mina diz afala .12. de ditti homini smontoro in terra con le balestre e per uno miglio dentro dil terem arente cierte praderie trouorono 1^o Ceruo grande et bellissimo con sue corne grande uno gran serpente lo assalto et sili prese il mostacio apreso a certi arbori et perche il ditto ceruo uolea strasinar ditto serpente et súbito ditto bisone com la coda atorniato a uno di essi arbori teneua ditta Ceruo fermo che non si potea mouere li ditti portogalesi uolseno uolsono [*sic*] com sua balestre tirare et dubitando che se per caxo non amaciasero tal serpe che quello non lasasi il ceruo et si diriciase poi contra di essi et farli qualche gran dispiacere di che se deliberorono tutti 12 carichi le balestre circondarlo atorno et tutti a uno trato scaricarli le balestre et cosi facendo amaciorono detto serpente il quale per esser morto mai abandono il ditto ceruo tanto lo hauea com sui derti [*sic*] serato che non si potea crolare in modo che li

ditti portogalesi presono il ceruo et serpente a uno trato Il qual ditto serpente era grandíssimo et grossíssimo et tanto grosso che lo scorticorono et tolsono quello grasso che pesaua gran quantita di libre da piu di [...] 400. Perche dicon se adoperano molto in medicina questi dalli antiqui si chiamauone Draconi che sono como serpe sentia piedi che si legie che combatone com li elefanti. Questa tal Isola dicone esser grande et molta fértille et piena di animali di ogni sorte como buoi castroni Elaphanti lioni leoncie.

[...]

XXIV

**Livro da receita e despesa de Cristóvão Salema, feitor de Sofala
Extrato da entrada referente aos itens despendidos em Abril de
1517**

Sofala, 04.1517

Torre do Tombo, *Núcleo Antigo*, 806, fól. 13v.^o

**Publicação: A. da Silva Rego (Dir.), *Documentos sobre os
portugueses em Moçambique e na África Central: 1497-1840*,
vol. IV (1515-1516), Lisboa, Centro de Estudos Históricos
Ultramarinos, 1965, p. 340-342**

[...]

E mais hum pano da Ilha de Sam Lourenço com bandas vermelhas
sem taxa – 1 peça

[...]

XXV**Livro da receita e despesa de Cristóvão Salema, feitor de Sofala.
Extrato da entrada referente aos itens despendidos em Julho de
1517****Sofala, 07.1517****Torre do Tombo, Núcleo Antigo, 806, fól. 67**

Publicação: A. da Silva Rego (Dir.), *Documentos sobre os portugueses em Moçambique e na África Central: 1497-1840*, vol. IV (1515-1516), Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1965, p. 474-476

[...]

Julho de 517

Item, aos 15 dias do dicto mes despendeo ho feitor oytocentas contas cristalinas azues de Veneza de taxa de qui[n]ze miticaes o mileyro (*sic*) – 800 peças

E mais vy[n]te e dous ramais de contas d'estanho de cincoenta contas cada ramal – 22 peças

E mais vy[n]te ramays de alembas (*sic*) gramdes e pequenos grosos e meudos de taxa de quatro miticaes o aratel que deu entregou a Gaspar Veloso feitor de Moçambyque por Joam Fernandez mestre e pyloto do navio Samt'Antonio que os aqui recebeo de Dyego Dyaz que aqui foi feitor pera as levar a ylha de Sam Lorenzo e pera comprar deles mantimentos por elas as quaes cousas o dicto Cristovam Çaleema recebeo por conhecimento que o dito Dyego Dyaz tinha do dito Joam Fernandez com certo coral que lhe entregou o qual também recebeo polo dito

conhecimento por morte do dito Dyego Dyaz porquanto o dito Joam Fernandez nom foy a dita ilha e foi a Moçambyque e as entregou a Gaspar Veloso feitor de Moçambyque como feitor dell rei nosso senhor de que lhe trouve conhecimento das ditas cousas do dito Gaspar Vleoso (*sic*) que o dito feitor tem pera sua conta e o conhecimento do dito Joam Fernandez – 20 peças

[...]

XXVI

Descrição da costa oriental de África (extrato)

[c. 1518]

Bibliothèque national de Paris, *Ancien Fond*, n.º 6116, fól. 238-240

Publicação: A. da Silva Rego (Dir.), *Documentos sobre os portugueses em Moçambique e na África Central: 1497-1840*, vol. V (1517-1518), Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1962, p. 378-379¹⁸

[...]

11 – A l'encontre de ceste terre en la mer sur la pointe du Cap des Courentes 70 lieus est une isle bien fort grande appelee S. Laurent habitee de gentils. La y a quelque habitation de mores, a plusieurs roys tant mores que gentils abondance de chair, riz, mil et quelque orangetes limons, gingembre. Les hommes vont nuds couvrant tant seullement leur vergongne avec draps de cotton ils ne naviguayent point ny abordent aussi ils avaient quelque barques pour pescher en la coste. Ils sont de couleur olivastre, ils ont leur langage propre; ils s'entregueraient. Leurs armes, dards moulé subtils et proprement ferres et en portant grande quantité, sont disposes et legers.

¹⁸ Há uma versão incompleta deste texto em português: “11 – A fermosa Ilha de S. Lourenço / No través destes lugares ao mar delles está huma muy grande ilha que se chama de S. Lourenço, a qual he povoada de gentios pello sertão della, e nos portos do mar estão alguns lugares de mouros. Esta tem muitos reys assi mouros como gentios, há nella muitos carneiros e muito arroz e milho, assi muitas laranjas e limões, ha [...]” (Biblioteca Nacional de Madrid, Ms. 3016, fol. 1-6, pub. A. da Silva Rego (Dir.), *Documentos sobre os portugueses em Moçambique e na África Central: 1497-1840*, vol. V (1517-1518), Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1962, p. 370).

Ils ont de l'argent mais gros. Leus vivres principal sont racines dictes Iguama appellees aux Indes Occidentales Jucca, et battata, le pais beau et fertile. Ceste isle vers la part de Çofala et Melinde a 307 lieux distance de la terre 60.

[...]

XXVII

**Carta de Piero di Giovanni di Dino ao Bispo Antonio Pucci sobre
a viagem que fizera para a Índia (extrato)**

Cochim, 01.01.1519

**Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze, *Magl. VIII*, 1490,
fól. 278-284v.^o**

**Publicação: Marco Spallanzani, *Mercanti fiorentini nell'Asia
portoghese (1500-1525)*, Florença, SPES, 1997, p. 177**

[...]

Già sa V. S. la longitude et l'altitudine dell'isola di San Lorenzo,
che è maggiore di tutta Italia, e abbondante d'infinite miniere et ma-
xime d'ariento, stagno, piombo, ferri e altre miniere e alsì Zamatera et
Melaca e altre molte insule di questi mari.

[...]

XXVIII

Carta de Garcia de Sá a D. Manuel I sobre certas naus viajando de Java para a Ilha de São Lourenço (extrato)

Malaca, 23.08.1520

Torre do Tombo, Gavetas, XV, Maço 10, Doc. 2

Publicação: Artur Basílio de Sá (dir.), *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente – Insulíndia*, vol. I, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, 1954, p. 116-117

[...]

Agora, senhor, me deram nova que na ilha de Jahoa, na costa de alem, pera a ilha de Sam Lourenço, que viram tres naos; dizem que eram portuguesas, no que não pode ser, e se he verdade, pola sospeita, cuydo que sera Fernão de Magalhães. Vosa Alteza sabera melhor a verdade.

Heu escrevo ao capitam-mor que proveja sobre yso, e se a nova se mais acender, detrymyno, com quam fraqua esta Malaca, socorrer ho mylhor e mais cedo que poder, porque, se he verdade, a presteza he o mais neçario, antes que façam algum acento com a terra, porque não sam senão com quem mais pode.

[...]

XXIX

Carta de D. Manuel I pela qual concede a Sebastião de Sousa, fidalgo da Casa Real, a capitania da fortaleza a ser construída na Ilha de São Lourenço

Lisboa, 25.02.1521

Torre do Tombo, *Chancelaria de Dom Manuel I*, Liv. 35, fól. 91

Dom manuell etc fazemos saber a vos alcaide mor da fortaleza que ora com aJuda de noso senhor mamdamos fazer por bastiam de sousa fidalguo de nosa casa na Ilha de sam Louremço feitor espriuaes e officiaes da nosa feytorja dela que nos pola mita [sic] confiança que temos do dito bastiam de sousa que nas cousas em que ho emcaregarmos nos sabera muj bem serujr e nos daria djso tam boa comta e Requado lhe fazemos merçe da capitanya da dita fortaleza, porem vo lo noteficamos asy a todos em Jerall e a cada huum de vos em esp<i>ciall e vos mamdamos que o Recebais por noso capitao e como a tall lhe obedecais e conpraes seus Requirimemos [sic] e mamdados naquelas cousas em que como noso capitao vos Requer e mamdar por noso seruiço em todas oras e tenpos que por ele fordes Requirjdo [sic] e con [sic] tamta deljgencia e cujdado como soes obrjgados o fazer e como a noso capitao deue ser feito e em tall maneira que Jnteiramemte seJamos seruido e asy bem Como de todos o esperamos sob aquelas penas que vos da pose das quaees dara a emxuçam [sic] aquelas que couberem no poder e alçada que lhe damos com a dita capitanya naqueles que fordes Reueses e negriJentes que nam esperamos e os outros que em sua alçada nao couberem nos as mamdaremos emxucatar [sic] naqueles que neles emcoremrem [sic] Com quaesquer outras que for nosa merçe segumdo as culpas cometeram e porque seJa a todos notorjo o poder e Jurdjçam e

alçada que lhe damos ouuemos por bem a leuar decrarada em esta nosa carta e he asy Junto, item nas causas crimes lhe damos todos [sic] nosso poder e alçada em todas as causas ate morte naturall emcreiseue [sic] e sobre todas as pesoas de quallquer solito [sic] e comdjçam que seJam em suas semtemças Juizos e mamdados em quallquer comdenaçam que sobre os taes fazer por suas culpas ate a dita morte naturall Incresyue [sic] mandamos que de a enoueçam sem dele majs aver apelaçam nem agrauo porque comfjamos que ho fara asy como con [sic] direito o deue fazer Reseruamdo porem que o dito poder e alçada se nam emtemdera em nemhuuns fidalguos nem no alcajde mor da fortaleza nem no noso feitor da feitorja dela nem nos espriuaes da dita feitorja que nos de qua emviarmos nem nos capitaes das naos naujos que na dita fortaleza tevermos e estes porem quando algũas causas crimes cometerem por que com Justiça devam ser presos os prendera e fara autos de suas culpas e os emvyara çarados e aselados ao capitao mor e governador da Indja pera acrqua [sic] deles e de suas causas prouer como lhe parecer Justiça, item nos feitos crimes damte partes lhe damos poder e alçada lhe damos poder e alçada [sic] ate comtia de cyncoemta mjl reaes e te esta contya se daram suas semtemças a emxucaçam sem mais dele aver apelaçam nem agrauo e se pasar dos ditos ã reaes algum furto que perante ele se demamde que pasar da dita contja dos ã reaes em quallquer contja que seJa avemos por bem que conheça e Julgue o que com djreito lhe parcer [sic] damdo somemte nos taes feitos agrauo porque apelaçam nam queremos que a dee e o dito agrauo yrem as partes seguir no tempo que ele asynar perante o dito capytam mor porem o dito agrauo nam queremos que tolha a enxecam [sic] e porem se nos taes feitos as partes dele nam quyserem agruar [sic] dara a enxecam [sic] suas semtemças por comfyrarnos [sic] que o fara asy como com Justiça o deua ser feito, item lhe damos poder que posa por penas de djnheiro ate L cruzados naquelas causas que vyr que cuprem [sic] serem postas por noso serujço e bem de Justiça e que as mamde emxucatar naqueles que nelas emcorem sem majs dele aver apelaçam nem agrauo item porque podem aquçr [sic] algũas causas por que seJa compridoiro

por noso seruiço e bem de Justiça condenar alguñas pessoas neles culpados em alguñas penas de djnheiro lhe damos poder que quamdo alguñs aquecerem por que lhe pareça ser castigados aqueles que neles forem culpados ele os posa condenar em penas de djnheiro avemdo Respeito a caljdade das pessoas que forem e asy nas culpas e esto ate duzemos cruzados e dahy pera baJxo naquelas contjas que bem visto lhe for avemdo o sobredito Respeto [*sic*] as quaes penas mamdara emxecatar sem majs dele aver apelaçam nem agrauo e todas as partes de djreiro aquy comteudas aporpiamos [*sic*] pera despesa do espitall da dita fortaleza e per ele mandamos ao dito capitao capitao [*sic*] que as mamde emxucatar e caregar em Reeta [*sic*] sobre aquele que teuer carguo do dito espitall por seu esprivam pera verem em toda boa aRecadaçam porem decrarmos [*sic*] que de todo este poder e alçada nam usar [*sic*] quamdo o noso capitao mor e gouernador da India na dita Ilha esteuer porque emtam ele e ouujdor que com ele anda am de conhcer [*sic*] de tudo e ele dito capitao da fortaleza nam ha de usar das cousas de Justiça asy ciuell como crime em cousa alguña do quall poder e alçada lhe mandamos por esta carta que ele use como aquy he derarado [*sic*] e a vos todos mandamos em JeRal e cada huum de vos em espiciall que lhe nam ponham nisto empedjmemto alguum dada em lixboa a vinte e Cyquo [*sic*] djas do mes de feureyro Jorge Rodrijuez a fez anno de b^c xxj anos

XXX

**Carta de Sebastião de Sousa a D. Manuel I sobre a sua viagem
para a Ilha de São Lourenço**

Moçambique, 17.09.1521

Torre do Tombo, *Corpo Cronológico*, Parte I, Maço 27, Doc. 54

**Publicação: A. da Silva Rego (Dir.), *Documentos sobre os
portugueses em Moçambique e na África Central: 1497-1840*, vol.
VI (1519-1537), Lisboa, Centro de Estudos Históricos
Ultramarinos, 1969, p. 62-66**

Senhor

Deus seja louvado. Ate dobrar ho Cabo de Boa Esperança achey tempos de vyajem e ainda que ho Inverno foy grande vym a ver vysta da Baya da Roqua a quinze dias de Julho e aos dezasete me deu hum contraste de levantes que me pos em muito trabalho com ho quall a noyte que me deu se apartou de mim Santa Cruz e arreceando poder se de mim apartar lhe tynha dado hum regymento que me esperase nos Ilheos de Santa Crara que sam de dentro do Cabo de Sam Romão na mesma Ilha de Sam Lourenço e ally estyvese vymte dyas e nam indo eu entam costease a costa da ilha pola banda do suull e me fose esperar Agoada d'Amtam Gonçallvez porque tenho enformaçam que esta dahy perto huma baya a quall tem huma ylha no meyo em que ja esteve Pedr'Eanes Framces e eu levo detreminaçam d'asentar Deus querendo que me dyzem ser a mais abastada tera que ha em toda a ilha e de muito boa jemte. Depois de s'apartar de mim Santa Cruz que

foy aos dezasete dias de Julho nunca me leyxaram levantes ate ho derradeiro dia d'Agosto e nunca me leyxaram fazer ho caminho da ilha e igoamdo nos os ponentes fazendo se ho piloto ao maar da ilha porque nos afastamos muito da terra com esperanza d'acharmos la os tempos mais largos vymdo a demandar me achey no pracell de Çofalla as Ilhas Primeyras e porque vynha ja muy desfalecydo de mantimentos e d'agoa e muita jemte doemte me pareceo bem e serviço de Vosa Alteza vyr a este Moçambyque domde vou avyado como cumpre a serviço de Vosa Alteza. Achey aqui huma caravella que Samcho de Tovar fez a quall estava quasy deytada ao traves que tyve muito trabalho de correger asy de carpemtarya como de calafates. Oje a lamço ao mar. Levo a comigo porqu'aqui nam ha necesydade della que fyqua outra mui bem aparelhada e hum bragantym e sey verdadeyramente que pera serviço de Vosa Alteza nem huma nem outra nam devya aqui d'amdar. Levo daqui duas lyngoa (sic) huma que comprey naturall da mesma ilha moço sem nenhum resabyo e a que della trazya que esta mui doente e perygoso e eu vynha muy descomtemte delle por cousas que se soltou a dyzer no mar.

Senhor a mim me deram nesa casa mantimento taxado pera quatro meses e quando aqui cheg[u]ey que foy a seis dias de Setembro avya cymquo meses que partyra de Lyxboa e avya hum mes que nam trazya vynho nem no dava a jemte e d'agoa tam estreya regra que nam dava mais de duas fyaas e comtudo nam cheg[u]ey aqui com mais de pypa e mea d'agoa e se nam tomara mais louça nas Canaryas e agoa da que trazya perdera me sem remedyo. Dou esta comta a Vosa Alteza porque mande que nam estreya tamto com as naaos porque he maar e nam tem prazo. Parece me com ajuda de Noso Senhor que serei prestes pera partyr ate vymta cymquo deste mes. Levo asy ho meu navyo como esta caravella carregados de pedra de call que aqui mandey arramquar. Se logo achar Samta Cruz como espero em Noso Senhor polla parajem em que nos apartamos e por vyr mui estanque e ser mui bom marynheyro e levar mui bom pilloto e mestre pode me aproveytar muito esta caravella e nam no achamdo tam cedo vou poderoso pera fazer ho que cumpre

a serviço de Vos'Alteza com a jemte que a caravella tem d'ordenança com a quall tenho tamto trabalho em a arramquar daqui pola vida que nesta terra tem que ainda estou mui receoso de a partyda me fogyrem pera terra fyrme como allguns fyzeram a [p. 66] Sancho de Tovar a sua partyda e acho os aquy folgamdo levamdo voso solldo e mantymto sem aver outro nenhum castygo.

Eu Senhor tenho certa enformaçam que tratam nesta ilha de Sam Lourenço da bamda do norte todas estas Ilhas do Comaro e de Melluane e muitos lugares desta costa de Melymde e dyzem me que trazendo em sua monçam hum caravella nesta parajem que se podera fazer muito servyço a Vos'Alteza e dar lhe muito porveyto. Levo em preposyto com ajuda de Deus tamto que asemtar fazer logo hum caravella pera ysto e asy pera como pera outras que espero em Noso Senhor de fazer tenho muita necesydade de jemte do mar. Bejarei as mãos de Vos'Alteza mandar m alguma nest'armada que em bo ora vyra e asy algumas mercadoryas da sorte que as trouvemos e asy pera ysto como pera outras cousas que Vos'Alteza vyr que cumpre a seu serviço vyrem deve de mandar hum naao detremmada a esta ilha desas da carrega que por hy nam perde vyagem amtes ha acrecemta e say me deve Vos'Alteza de mandar alguns ofecyaes de fazer açuquare porque ha nesta ilha muitas canas e mui grosas e eu as vy e poder s'a fazer muito proveyto nelle em Ormuz que he mercadarya que vall muito la

Senhor eu achey aqui Fernand'Afonso ho Castelhana que he homem tam especyall de mar como Vos'Alteza sabe e porque ho meu pyloto nunca foy nesta ilha e conhece mui mall a terra e Fernand'Afonso andou muitas vezes ao ngo (sic) desta ilha por hum banda e por a outra me pareceo muito serviço de Vos'Alteza por quam mall avyado hya de pyloto eu ho levar comigo e lho requery da parte de Vosa Alteza posto caso que hya avyado com suas cousas pera Portugall ho fez vendo que era asy seu serviço e vay com muy boa vomtade e eu vou com elle muito descamsado. Prazera a Noso Senhor que ho servirey nesta vya-jem como eu ho desejo.

Noso Senhor prospere sua vyda e reall estado a seu serviço.
Deste Moçambyque aos dezasete dias de Setembro de 521 anos.
Bejo as mãos de Vosa Reall Alteza.

Bastyam de Sousa



**Esta publicação foi financiada por Fundos Nacionais através da
FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do
Projecto «UID/ELT/UI0077/2013»**



CLEPUL Centro de Estudos
e de Políticas Linguísticas e
Linguísticas
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa



FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO



CIDH

Cooperação Científica FCT / Instituto Dom Henrique
para os Estudos Interdisciplinares e a Globalização

